

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 159



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

O mysterio do Palacio



EDITOR e PROPRIETARIO, F.A. MIRANDA e SOUSA

COMPRIMPA NA EMP. LUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDAÇÃO e ADMINISTRAÇÃO

DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200 REIS

== CADA VOLUME CONTEM ==
== 14:00 LINHAS ==
DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

- O homem das multidões, de *Pierre Zucco*.
- O casamento d'um forçado, de *A. Bouvier*.
- A aposta maldita, por *Julio de Gastyne*.
- Os Fúcaes d'Oiro, por *Paulo Fíca*.
- As filhas do povo, por *Alexis Bouvier*.
- O filho dos boers, por *Rider Haggart*.
- Divida fatal, por *Maria Praxinos*.
- O segredo da desconhecida, por *J. Gastyne*.
- Fausto, por *Esau Verneuil*.

Estes romances, seleccionados com escrupulosa atenção, compoirão uma verdadeira biblioteca popular de educação.

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

● REIS ● um bom romance completo

Colleção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenal Lupia, catana da alta roda, por *Maurice Le Mañe* (Ex. 2. O Honrao Misterioso, *Geor de Frenant* 3. O Impulo de zel, *Pierre Giffard* 4. Arsenal Lupia contra Herlock Sholmes, *Maurice LeMañe* 5. Um crime na treva, *Goldschmidt* 6. O Prisioneiro de Harle, *G. Le Rouge* 7. O Club dos Ladroses, *Henry A. Beving* 8. Aquella óca, (Novas aventuras do Arsenal Lupia) *M. LeMañe* 9. O Homem sem rosto, *Paul d'Ivoi* 10. A Virgem Vermelha, *Pierre Giffard* 11. O Cambio do canoas, *Paul d'Ivoi* 12. Qual dos tres grande romance policial, *A. O. Green* 13. A Guerra dos vapores, *G. Le Rouge* 14. O Pirata de Ferro, *Max Pemberton* 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras, *Paul d'Ivoi* 16. Kovra, a misteriosa por *Cd. Foley* 17. 818. (Novas aventuras do Arsenal Lupia), por *M. LeMañe* 18. Km Perias, por *Henri de Regener* 19. O Palaco submarino, por *Max Pemberton* 20. Um crime temporario, por *A. Goldschmidt* 21. A sombra mysteriosa, por *Esau Verneuil* 22. O Sonho, por *F. Zola* 23. Os dez olhos d'ouro, por *P. d'Ivoi* 24. Um galano de casaca, por *E. W. Hornung*

350 rs. Cada vol. in-4°, contendo a materia de rs. 350
em prosa vi, in-8°, de 300

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

▲ mas notavel e sensacional
▲ das novidades litterarias ▲

Edição esmerada, cuidadosamente impressa e composta em magnifico typo

É' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

● HISTORIA de PORTUGAL ●

Desde os tempos primitivos até a actualidade

Volumes publicados:

- | | |
|---|-------------------------------|
| 1 Vilaio, o heroe luso | 11 Tadd'Acet |
| 2 Roma na Lusitania | 12 a Rainha D. Mécia |
| 3 Os barbaros do Norte | 13 O Boloher |
| 4 A Invasão dos Arabes | 14 J rei troador |
| 5 Fundação de Portugal | 15 Rainha Santa Izabel |
| 6 O cerco de Guimarães | 16 A Batalha do Salado |
| 7 Egas Moniz | 17 Lynes de Castro |
| 8 Conquista de Lisboa | 18 Vozcega de Rei |
| 9 Giraldo Sempavir | 19 A Rainha Adelaide |
| 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth) | 20 Maria Telles Mestre d'Aviz |

A seguir:

- | | |
|---------------------------|----------------------------------|
| 21 Padrao d'Aljubarrota | Insulatera |
| 22 O Barbadão | 23 Os Tipicoes (Tomado de Ceuta) |
| 23 O Magico ou os Doze de | |

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUICAO

Desde os primitivos tempos até a actualidade

Publicam-se publicados os quatro volumes

I Obscureza primitiva - A Prostituição na Antigua Grecia	300
II Impudicicias de Roma Primitiva - Deusdido dos Romanos	37
III Desmoralisação Franceza - Tempos modernos	300
IV (o ultimo volume) Tempos modernos	300

Numero 159

Lisboa, 4 de julho de 1912

Anno IV

O MYSTERIO DO PALACIO

CAPITULO I

A joia de lady Julia

As altas janelas do palacio Miller resplandeciam e jorros de luz sahiam d'ellas, illuminando o parque que rodeava o castello. Era uma noite tepida e perfumada de primavera e de quando em quando apparecia no terraco uma dama ou um cavalleiro em trajo de soirée — um convidado que fugia por instantes do borborinho da festa e vinha respirar a pinhos plúmbeos e ar tepido e estregado de afillorios.

Nas salas via-se a fina flor da aristocracia ingleza. A castella, lady Julia, apesar de contar já quarenta annos e ter um filho de 20, lord Geraldo, era a mulher mais bella que ali estava, tendo ainda o seu rosto o viço e o encanto da mocidade.

O banqueiro terminára. Os convidados tinham-se dividido em pequenos grupos e haviam sahido da sala de jantar, que os creados punham em ordem. O velho mordomo arrocado a preciosa baixela de ouro que elle proprio puzera na mesa. Entre as peças dessa baixela figurava um magnifico centro de mesa, repre-

sentando um navio com as velas desfraldadas. Era uma peça artistica de subido valor e que causava a admiração dos convivas.

Nesse dia tinha sido convidado, pela primeira vez um individuo desconhecido dos outros convivas, que n'aquelle momento, acompanhado pela dona da casa, entrava na sala de jantar, onde mais ninguém se via. Com verd-deiro asombro de lady Julia o centro de mesa não se via em parte alguma. Chamou o mordomo e interrogou-o. O velho servo olhou aterrado em volta e, pallido com um cadaver, exclamou:

— O centro de mesa foi guardado por mim, ha pouco, ali!

E apontava para um magnifico guarda-louça onde o mettira.

— Engana-se, com certeza. Deve ter sido confundido sua e veja se se recorda onde o pôz, disse lady Julia, com a sua habitual delicadeza. E la sahír com o convidado. O mordomo, porém, deteve-a.

— Não, minha senhora, não me enganó. Affirmo-lhe que puz aqui essa peça da baixela. Deve ter sido roubada.

O desconhecido teve um ligeiro sorriso e disse, dirigindo-se a lady Julia:

— É' extraordinario, realmente! Bastou ser convidado para aqui um criminalista, para se darem factos interessantes! Quem sabe se não surgirão peripicias

ACD
823.91
D598.99
P47
u.6
no.159

como a que actualmente excitava a curiosidade publical.

Lady Julia accozou a cabeça com incredulidade, replicando:

— Não, sr. Holmes, não acredito no que me diz. Na nossa sociedade não se commettem roubos mysteriosos e quem havia de roubar o magnifico centro de mesa, que tem tão grande preço? É impossivel. Os meus creados são honestos e um tal objecto não podia assim ser levado para fora...

Deteve-se ao ver Sherlock Holmes, pois era realmente o grande criminalista o convidado de lady Filister, apontar para uma janella cujos cortinados ondulavam como que impellidos pelo vento.

Approximando-se, o criminalista verificou que a janella estava aberta de par em par. Lady Filister interrogou-o com o olhar.

— Parece-lhe possível que se introduzisse aqui um ladrão? Não creio em tal e repito-lhe, sr. Holmes, que os creados me merecem toda a confiança. E' tambem inacreditavel que fosse algum dos convidads, dos quaes nenhum sahia ainda.

— Nada é impossivel, minha senhora, retorquiu o criminalista. De resto, eu não affirmo que alguém fuisse pela janella. Popo-lhe que se dirigiu ás salas e se mostre ríchna e tranquilla, evitando que se saiba do desaparecimento do centro de mesa.

Accedendo ao convite, lady Julia dirigiu-se, acompanhada pelo criminalista, para a sala da musica. Sherlock Holmes contemplava com admiragão e andar donairoso da lady e o sumptuoso vestido que ella trazia, de seda azul marinho, no rigor da moda, preso na cintura por um largo cinto, rematando na parte trasera por um precioso *cabochon* redado de finissimas pedras, uma joia conhecida pelo nome de Fairy Saphyr e que era conhecida até mesmo fóra de Inglaterra. Tinha o tamanho d'uma avellã e brilhava intensamente como um brilhante de primeira agua que era.

Sherlock Holmes pensava que era imprudencia trazer um joia d'aquellas n'um sitio onde não podia brilhar em todo o seu esplendor. Mas a moda mandava adornar os cintos com joias e a mulher mais distincta é sempre escrava d'essa tyrannia deusa.

O fio dos seus pensamentos foi interrompido por lord Filister, que, pousando-lhe a mão no hombro:

— Soube ha momentos, pelo meu velho mordomo do desaparecimento do navio de ouro. Desajava que o sr. Holmes começasse immediatamente as suas investigações, visto que presumo que o gatum se encontra entre os convidads. S'ria para mim grande desgosto perder esse objecto.

— E' o primeiro primeiro que tudo evitar que elle saia para fóra do castello, replicou o criminalista. Se

m'o permittir, irei ao andar superior observar o que faz a creadagem, que não está de serviço, por exemplo a creada grave...

Lord Filister menciona a cabeça, sorrindo, e disse: — Essa não tem a para aqui que fazer. Escusado será dizer que o sr. Holmes tem entrada franca em todos os aposentos do palacio. Mal cuidava eu que, ao coincidir o para assistir a esta pequena festa, teria de recorrer aos seus serviços!

Holmes sahio da sala e dirigiu-se, como dissera, ao andar superior. No corredor que condizia aos aposentos de lady Julia encontrou-se com uma joven que o saudou cortezamente e que reconheceu ser a creada grave, do nome Ellen.

— Não desconfiam dos creados, pensou o criminalista. Mas quem me diz que não foi um d'elles que commetteu o roubo? Bastava um minuto para algum se introduzir na sala de jantar e se apoderar da preciosa peça. O resto era facil desde que houvesse um omissivo.

Ellen ia subindo a escada e Holmes notou que entrava n'um quarto que devia ser sem davela o seu, pois eram ali os quartos da creadagem. Ouviu passos atraz de si, e, voltando-se, encontrou-se em frente de lord Geraldo, o filho dos donos da casa, que lhe disse, sorrindo:

— Vamos então ao combate, sr. Holmes? Tambem eu combato, mas d'outro modo: dançando e fazendo a corte ás senhoras.

Sherlock Holmes inclinou-se e viu lord Geraldo subir a escada apressadamente. Sabia que o joven era o favorito das damas e um tanto ou quanto leveião, para o que concorriam a sua pouca idade e a enorme riqueza que possuia.

Dahi a pouco viu o tornar a descer, apressadamente tambem. Ficou a pensar no que elle teria ido fazer ao andar onde ficavam os quartos dos creados e não lhe foi difficil adivinhar uma pequena intriga amorosa entre o joven e a bella creada grave.

A festa continuava brilhante e todos pareciam satisfeitos, não tendo ainda um unico convidado abandonado ás salas. Lady Julia, sentindo-se um tanto fatigada, dirigiu-se aos seus aposentos, sem que a sua ausencia fosse notada. Tocou uma campainha chamando a creada grave, mas em vez d'esta, appareceu uma outra a receber ordens, dizendo que Ellen não estava no seu quarto.

— Desaperte-me o cinto, que me está incommodando, ordenou a lady e traga-me uma pouca de agua de Seltz. Vaya tambem orde é que está Ellen.

Cumprindo as ordens que v'cebera, a creada tirou o cinto. Lady Julia pegou n'elle, mas de subito, em-

palidescendo, soltou um grito de angustia: a Fairy Saphyr, a linda joia, tinha desaparecido!

— Manfred! clamou ella com voz estertorosa, Manfred!

A creada correu a chamar lord Filister, o qual, ao ver a agitação da esposa e seguindo como o oihar a direcção que o braço d'ella indicava, empalideceu tambem por seu turno.

Ter-se-hia perdido a Fairy Saphyr?

Não era ainda o valor da preciosa pedra que elle lastimava, mas porque a esposa ligava a idea de que a sua felicidade e a toda a familia dependia da posse d'aquella joia.

— Julia, exclamou elle, curvando-se para a esposa nada recies que nos importa a perda d'essa saphyr?

Ella, porem, tinha o rosto inundado de pranto.

— Sei que a vida de Geraldo corre risco! solçou ella. Ameaçoam no grandes perigos, presanto o... morrerá...

Os soluços embargavam-lhe a voz, não a deixando continuar. Lord Manfred tentou aquietá-la.

— Sabes muito bem que está no castello Sherlock Holmes, a quem vou prevenir do que se passa.

E reparando em que a creada grave não se encontrava ali:

— Onde está Ellen?

A outra creada respondeu que não fóra possível encontrá-la. N'esse momento, alguém bateu secretamente á porta do aposento. A creada foi abrir e a entrada appareceu o criminalista, que fez um ligeiro signal ao lord, o qual se dirigiu a elle.

Em voz baixa, Sherlock Holmes disse-lhe:

— Em sua casa succedeu o que quer que fosse de terrivel lord Filister! Oviu ha pouco falar no roubo da Fairy Saphyr, mas creio que temos peor do que isso. Entrei ha pouco no quarto da creada que desapareceu e vi no chão uma mancha de sangue enorme e ainda de fresco.

— Que diz, sr. Holmes? perguntou o lord, com angustia.

Silencio! Não diga coisa alguma a sua esposa acrida d'esta terrivel descoberta. Ninguém absolutamente ninguém deve saberlo. Nos convidads reina já uma certa inquietação, preparando-se todos para sahirem. Portanto, aconselho-a a que lhes appareça a fim de tranquillisar os espiritos apprehensivos.

— E se alguém lhe fizer alguma pergunta, affirmo que foi a creada que roubou a saphyr e fugiu. Não se refira sequer á noção de sangue.

Empunhando lord Manfred sahio do quarto, a fim de ir ter com os seus convidads, o criminalista dirigiu-se a lady Julia:

— Popo-lhe que socegue, minha senhora. Quira

mostrar-me o cinto. Talvez elle me forneça alguma indicação que me revele uma pista.

— Sem proferir palavras, a lady apresentou-lhe o objecto pedido. Holmes examinou attentamente a fita de seda. Em seguida, restituindo a:

— A pedra preciosa não foi perdida, mas sim arrancada d'aqui. Deve ter sido um dos convidads e não um creado. E' um elemento importante para encetar as minhas investigações.

Lady Julia sentiu-se mais animada. Perguntou:

— Que pensa de Ellen, sr. Holmes?

— Nada de mal, minha senhora, respondeu o criminalista, sorrindo. O amor faz, como sempre, travesuras, circumstancia que ponderarei devidamente. O que lhe peço é que socegue e não creio em superstições.

E, fazendo uma profunda venia, sahio, dirigindo-se para o aposento onde ficava a sennacional desoberto. Abriu a porta e accendeu uma luz. Havia ali irreprehensivel ord-m. No soalho via-se uma enorme noção de sangue, de fresco.

— Um crime! murmurou o criminalista. Talvez praticado por alguém anante! Seia elle que roubou o cinto que leveasse esse objecto. Como explicar esta noção de sangue? Vi ha pouco entrar aqui a rapariga, atã e escorrieta. Mas logo que ella desapareceu, desappareceu tambem a saphyr e a noção appareceu n'este meio tempo! Não é preciso ter grande agudeza de espirito para concluir que os tres factos tem intima conexão.

Oviu n'esse momento, no corredor, passos apressados, e pouse depois o mordomo d'ella-lhe, em voz tremula:

— A senhora mandou-me para aqui. Em que posso ser-lhe util, sr. Holmes?

— Venha cá, meu amigo, e examine esta noção. Fezhe primeiro a porta, para que ninguém aqui entre e arranje-me um aposento onde eu possa conservar-me se necessário fór. Conseguirei assim tomar nota dos convidads de hoje.

— Crê que alguém d'elles seja o assassino da pobre Ellen? perguntou o mordomo, com certa perturbagão.

— Não tenho a certeza de que a rapariga tenha sido assassinada. Suponho, porém, que o ladrão é um dos convidads. Não terei desanço n'quanto não deificar esta enigma, e á fé de Sherlock Holmes.

CAPITULO II

Descobertas

No dia seguinte de manhã, Sherlock Holmes entrou no apartamento que mandara reservar e mandou chamar o velho mordomo.

— Sr. Butler, começou elle, vi Ellen apenas de fugida, não podendo, por isso, fixar a bem. Haverá por ahí algum retrato da desaparecida?

— Sim, senhor, no quarto que ella occupava ha um.

— Ah! Era então um pouco vaidosa?

— Como todas as raparigas.

— Vamos ver o retrato. Tem ahí a chave?

— Sim, senhor. Se conseguisse aclarar o mysterio Lady Julia parece que enlouquece com tantos gestos.

— Dirigiram-se para o andar superior. Apenas Holmes transpuz a porta do quarto que fóra de Ellen, exclamou:

— Que significa isto, sr. Butler? Ordenei que ninguém aqui entrasse e não se cumpriu essa ordem. A prova é que a nodosa desappareceu.

— Com effeito o sualho fóra lavado.

— Como é isto possível, disse o mordomo. Tenho a chave em meu poder e juro-lhe, sr. Holmes, que nem um momento sequer me sahia do bolso.

— N'esse caso, algum bouve que aqui se introduziu, o que demonstra que no castello ha cumplices.

— Suppõe então que o assassino esteja cá?

— Não fallé em assassino. Tem a certeza de que Elle fó assassina?

— Não lhe parece, sr. Holmes?

— De modo algum. Estou até convencido de que ella vive e conhece o paradeiro do centro de meza e da joia.

— Sim, se ella não morreu, mas a mancha de sangue...

— Isso nada significa, replicou o criminalista. Póde ter sido sangue proveniente apenas d'um ferimento e talvez até nem seja sangue humano.

— Não seja sangue humano! Não comprehendido.

— Nem é preciso. Dê-me a chave, Vp'u fechar-me por dentro a fim de começar as minhas investigações. Afaste d'aquí todos os indiscretos. Se precisar d'al-guma coisa, toquei a campainha.

Butler desceu a escada, accendendo com a cabega. O criminalista começou a analysar o quarto. O sobrado estava recoberto d'uma alfaieta até junto da porta. Uma cama de metal, uma banquinha de cabo-

ceira, uma guarda vestidos, uma pequena meza, uma commoda e uma poltrona, algumas cadeiras e um lavatório, constituam a mobília. A nodosa, que tão mysteriosamente havia desaparecido, estava concentrada no sobrado e não na alfaieta. A janella estava aberta. Sherlock Holmes deteve-se junto do ponto onde na vespéra se via a nodosa.

— Não reparé em tal hontem á noite, murmurou elle. Se a escada tivesse sido realmente victima d'um crime, o assassino não escolheria este quarto, pois não poderia chegar que algumas gotas de sangue caissem na alfaieta. O sangue fó espalhado pelo sobrado com o fim de fazer nascer as suspeitas de um crime. Ha a considerar que se a alfaieta tivesse sido manchada, o sangue não poderia ser facilmente apagado. Por processos chimicos, não haveria difficuldade em affirmar aqui a existencia do sangue d'alguem françalha.

— Sobre a commoda via-se um retrato de Ellen, tirado poucos mezes antes. O rosto era fino, esguio, os olhos pretos e a bocca bonita. Dir-se-lia mais arrebatada, se bella, se o nariz, com as suas formas arredatadas, não viesse desfazer a impressão favoravel que se re-ocedia ao contemplal-o.

O criminalista abriu as gavetas, remexeu tudo, mas nada encontrou de interessante. Apenas ahí havia os objectos usuaes a uma rapariga nova e garbada. O guarda vestição tambem estava aberto, mas nada de importante continha. Apenas uma gaveta estava fechada. O criminalista tentou abri-la, mas emvão.

— E' preciso forçal-a! exclamou Sherlock Holmes. Tirou do bolso uma pequena alavanca de ferro, um minuto depois, a gaveta abria-se. Só se viam ahí algumas peças de roupa branca, cernadas de laços azues. Todas essas peças tinham as iniciaes da familia Filiziter. Era evidentemente, roupa que Gerald vestira na infancia.

— Talvez lady Julia a desse de presente á credda, disse o criminalista.

Agarrou em tudo e ia para se erguer quando avistou um pedaço de papel a um canto das gavetas, enlaidado n'uma frincha. Tentou puxal-o, mas o papel resistiu. Notando que n'elle estava escrito o que quer fosse, procedeu com a maior cautella para o tirar, o que conseguiu a muito custo. Era uma carta, que, segundo todas as apparencias, caida do bolso de um vestido e ali se introduzira. O end-reço era de letra de mulher, e conhecido, porém, parecia ter sido escripto por um homem.

Dizia assim:

Querida.

«São as minhas ultimas palavras. Ha de arrepen-der-te de me não dares ouvidos. Jurei-te que havia

CAPITULO III

Leo Verhilt, o escriptor

de ser minha e cumprirei o meu juramento, mesmo que um de nós tenha de morrer. Aviso-te pela ultima vez. Estarás quitta feita junto de Jardim, abraçar-te-hei apesar da tua opposição e não mais acordarás.—X.

Sherlock Holmes estudou a letra por muito tempo. Comparou-a com as palavras escriptas na photographia de Ellen. O nome d'ella e a data. Eram completamente diferentes. A credda não havia escripto a carta para aljar de si as supgritas como o criminalista supgritava a principio. Apesar de não ligar grande credito á autenticidade da carta, que se via ter sido escripta havia poucos dias, guardou-se e aproximou-se de ja janella, para olhar para o parque.

Era impossivel chegar á janella sem auxilio de escada. Por ahí ninguém poderia fugir. Começou a admitir a possibilidade d'um assassinio.

As horas tinham decorrido. Antecedeu. Apagou a luz para que o não vissem do parque. A luz illuminava com os seus argenteos raios o terrazo e o arredo, ao passo que o rosto do criminalista ficava immerso em profunda escuridão. Podia assim observar sem que o vissem. Inclinou-se cautelosamente. Julgou divisar por entre os massigos de dhallas uns olhos que esprestavam como que esperando alguem.

Desceu, tomou uma varreda aberta por entre os arbutos, occultou-se para não ser descoberto. Sherlock Holmes olhava, inquieto, estupefacto, pois era lord Gerald a pessoa que ahí estava esperando. Modelou por entre os dentes um pequeno assobio, como costumava fazer quando presenta alguma coisa de inesperado. Aguardou os acontecimentos, não sem impaciencia. Quedou-se, indolente, junto d'uma grande tilia. As horas decorreram. De subito, resou um assobio. Lord Gerald saltou do escondijo e desapareceu no parque.

— Entend-me-se por assobio, murmurou o grande criminalista. Podiam ter escolhido um signal menos estridente, pois este ouve se, principalmente do noite, a grande distancia. Não me importa o encontro, apenas quero vigiar o castello e primeiro que tudo adivinhar quem fó que lavou a nodosa de sangue. Talvez não seja preciso procurar a credda e o centro de meza fora d'aquí. O mesmo não penso emquanto á saphyra, que talvez já esteja no estrangeiro, visto ser impossivel vendel-a em Inglaterra. Ou talvez tenha sido guardada para mais tarde se proceder á sua venda, sem difficuldade.

E o criminalista entrou de novo no castello.

Quasi em frente do club onde lord Manfredo ia por vezes, havia um outro edificio, o Palacio do Uro, frequentado principalmente por gente moça. Lord Gerald Filiziter era um dos seus mais assiduos frequentadores. No dia seguinte aos dos factos occorridos no seu castello, dirigira-se para ahí logo de manhã, contando ao seu amigo Leo Verhilt o que se passára. Leo era escriptor e ninguem conhecia a sua vida. Fóra apresentado no club por lord Gerald, trazia sempre o rosto cuidadosamente barbado e parecia um actor. O olhar era sombrio, o caracter pouco franco e retrahido. Exercia poderosa influencia sobre o joven lord, o qual, por tal motivo, era censurado por seus paes, sem que essas censuras produzissem, porém, effeito. O feitto de Verhilt impunha-se ao aristocrata, talvez em virtude da lei dos contractos, pois que Gerald tinha um caracter voluvel e leviano.

Emquanto Leo escutava a narrativa do seu amigo descolhava-se-lhe nos labios um sorriso sarcastico. Quando Gerald acabou, elle disse:

— Estou contente por não ter assistido á festa, porque me contraria assistir a semelhantes scenas e poderiam desconfiar de mim!

— Talvez! exclamou o lord involuntariamente. Tanto podiam surpear de ti como de mim!

— Ora adeus, meu caro amigo. Sei que teus paes não sympathisam comigo e que a roda em que vi-ves me não vé com bons olhos. Mea pas era um simples camponer.

— Mas para que dizes isso e a que propositio? exclamou Gerald um tanto ou quanto exaltado. E's muito sensivel, meu caro Leo. Em vez de teas observações, era preferivel que pensasses em quem poderias ser o auctor do crime. Haverá um premio de mil libras para quem o descobrir.

— Mil libras! exclamou Leo. Seria uma bella quantia para um pobre diabo como eu. Tentarei descobrir os ladrões.

— Talvez o consigas.

— E' difficil, porque não tenho sorte. Em todo o caso, tentarei. A policia já anda em investigações?

— Sim, Sherlock Holmes está em investigações?

— N'esse caso os ladrões serão descobertos. A historia desagradada-te, porque perdes uma amante. Sei que...

— Cala-te, exclamou Gerald, ruberizando-se. Se

minha mãe desconfiasse que mantenho relações com Ellen...
 Leo sorri-se.

—Como se usava fosse um crime? Os rapazes como tu devem cultivar as rosas. A criada lançou-se-te nos braços!

—Sim, é verdade, mas, apesar d'isso, eu não devia ter ouvido. E desejava saber para onde levaram Ellen. Tenho a certeza de que ella não pensou em suicidar-se, nem em commetter qualquer acto de desespero. Era creatura alegre e leviana. Poderia vender com facilidade a joia em Africa, se foi ella quem a roubou.

—Sherlock Holmes terá então uma boa recomendação? perguntou Leo, como se não pensasse n'outra coisa.

—Sim, receberá mil libras, no caso de obter bom resultado. Meu pae conferiu-lhe plenos poderes e elle dispõe de optimos meios.

—Como assim?

—Meu pae é sempre generoso. Se conseguir reaver a joia, não se importará dar seja o que for O criminalista não trabalha á d'elhô, tem uma legião de auxiliares sob as suas ordens.

—Ten pae abir-lhe ha então o seu office?

—Creio que já lhe deu cheques. Sherlock Holmes é homem de toda a confiança.
 —Assim o creio. Elle está, então, no castello? Hei de vê-lo, com certeza, pelo menos uma vez, pois ainda não conheço esse homem prodigioso.

—Ven commigo e indicá-lo hei. Ha oito dias que não o vias. Onde fozte?

—A' Hollanda. Mas ainda agora reparo, só temos fallado em assassínios e roubos commettidos em tua casa. Adeus.

—Vae-te já embora? Para onde?

—Tenho que fazer. Se tiver tempo, far-te hei uma visita. Mas não descansarei e empregarei todos os esforços para ganhar a prometida recompensa.

E nos labios tinha um ligeiro sorriso. Depois de pôr o chapéu e a capa, sahio. Ao chegar á rua, o rosto tomou a outra expressão. Com os labios cerrados, a fronte annuvada, mandou parar uma carruagem que passava e subiu para ella, dizendo ao cocheiro:

—Estação de Claring, depressa!

O vehiculo tomou com o maior rapidez, parando d'ahi a pouco no ponto indicado. Leo apou-se, subiu quatro e quatro os degraus e penetrou na sala de espera. Uma dama, sentada a um canto, ao vê-lo, appareceu, ergueu-se e aproximou-se d'elle.

—Sabes já que ha um premio de mil libras? murmurou ella. E' preciso ter o maior cuidado.

—Não te inquietes. replicou elle sorrindo e dando-lhe o braço. E's a mulher mais formosa de Londres!

Tinha razão em proferir aquellas palavras. Era com effeito esbelta e elegante, exhalando se de todo o seu ser uma atmosphera de volúpia que endoecoria o mais pacato. Podia ver-se-lhe a correção das feições d'uma pureza de linhas ideal. Os olhos sentillavam e perdetras dos labios roados appareciam os dentes da alvura da neve. Era uma verdadeira formosura.

—Não estou tranquilla, disse ella. Meu marido sahio e pôde por aqui apparecer d'um momento para outro.

—Que tinha isso? Como me não conheces, não lhe passaria p'la cabeça que sou teu amante. Podias apresentar-me como um simples conhecido.

—O chô foge nos dezaix do pé, Leo! Vou-me embora. Deviamos estar muito longe, onde não nos pudessem apanhar.

—A fuga? E' bom de dizer, meu amôr, mas preciso primeiro é reunir muito dinheiro. Nem tu nem eu vivemos do ar, não é assim?

—Sim, é facto. Logo que conseguires o que queres, abandonarei immediatamente meu repellente marido que tem dinheiro, ao passo que eu nada tenhoo. Dirigiram-se para o logar onde ella estava ante-d'elle eb-gar. Sentaram-se. Leo olhava a fitamente.

—Tenho um novo plano, Bell! murmurou elle em voz baixa.

—Qual? Confio na tua prudencia.

—Não precisamos de qual'fôr, entendes? Temos corrido até agora grande risco, principalmente por causa de Kollmy. Recreo que elle tenha assassinado a pobre creada.

—Assassinado? disse Bella, com um sobressalto. Porque?

—Sei-o eu perreventural Com recio de ser denunciado, por crime ou por culpa. Um animal d'aquelles é capaz de tudo.

—Contado não podemos prescindir d'elle. Tem sido o meu activo de todos os socios, e fez, como nós, o seu juramento. Sabe perfeitamente que uma palavra compromettera-lhe custaria a vida e que, antes da morrer, sofferia as maiores torturas.

—Sim, n'isso tens razão. Um velhaco como elle não quebra os seus juramentos. Tanto a certeza de que se eu assim procedesse, outro qualquer se vingaria. Em tal caso, tudo anabaria...

Os olhos n-grosos d'ella sentillaram, as mãos delicadas contrahiram-se lhe, e ao mesmo tempo que murmurava:

—Não fales assim, Leo! E's robusto, prudente, ajustizado, e as coisas não hão de fallar sempre, como

até agora tem succedido. Ao contrario. E ó está ou te para te dar a ventural!

—Caldal! Não convem fallar assim. Ouve o que tenhoo fazer. Já deves saber que Sherlock Holmes foi enarragado do caso.

—Sim, assim m'o affirmaram. Mas pôde fallar, como ha pouco ainda lhe succedeu n'um outro caso.
 —Que não fira encarregado de investigar, como agora. Dispõe de todos os meios e do dinheiro de Fillister. Excusa, porém.

Curvou-se para ella, falando-lhe ao ouvido durante algum tempo.

—Admiravel! disse ella no fim, estregando as mãos em contentamento. Se obtens isto ougingos o nosso fim. Tambem fermei o meu plano do evasso. Ninguém desmentirá que fugi. Si d'arás por tal quando nos acharmos na America ha muito tempo.

—Bella, agradeço ella com olhos faiscantes, não sei o que succederá, mas tenho recio por ti!

Ella teve um sorriso de franqueza. E na sua voz cantante, olhando seductoramente para Leo:

—Recio por mim? Em que pensas, meu querido?

—Recio que sejas inconstante. Nada mais. Nota, bella, que só a ti amo no mundo. Se me trahires, mata-te.

Ella empallideceu ligeiramente, mas replicou com um sorriso:

—Não te enganarei, Leo. E' só isso o que te preoccupa?

—Já te disse ha pouco que ignorava as consequencias da nossa aventura. Talvez seja um fracasso, mas nem por isso deixarei de metter hombros á empresa. Ver-nos-hemos ainda hoje?

—Vou ao baile do general Jorge Amoon. Não fozte convidado?

—Não se convidou um escriptor desconhecido! Não percas n'esse baile a joia. Entre os convidados hão de estar alguns policias e lord Fillister.

Acompanhas a amante até á rua, ajudado a subir para a carruagem e esperou vel a desapparecer. Seguiu depois para uma parte da cidade, frequentada em geral por gente pouco honesta, para o bairro de Whitechapel.

Aquella era homem mysterioso, que frequentava um dos clubs mais chics de Londres, que mantinha relações amorosas com uma verdadeira belidade, esposa d'um official superior, estava tambem relacionada com todos os grandes criminosos. Entrou n'uma casa pequena de má apparencia, cujas janellas se viam ornamentadas de lindissimas flores. Penetrou n'um pequeno aposento mobilado luxuosamente. Junto da janella chava-se sentado n um individuo, ao parecer meio pa-

raltyico. Quasi que não podia mexer os braços nem a cabeça, e muito menos andar.

Era Bertie Floggler, afamado cabelleiro-iro, que tinha corrido com a sua arte para muitos successos theatraes. Fizera muitas cabelleiras para velhos pedantes que queriam parecer novos. Abandonára havia muitos annos a profissão, após um ataque d'apoplexia. Adquirira, com as economias que tinha, aquella predio, onde recebia a visita d'alguns amigos intimos. Dizia-se na vizinhança que o velho Bertie ainda entrava em negocios e fazia operacoes de dinheiro, murmurando se á bocca pequena a palavra usura. Mas Bertie era, ou fingia-se escrupulosissimo em ponto de honra.

—Então, vens visitar-me, Leo? Julgava que te tivesses já esquecido do quarto que te aluguei tanto em conta.

—Em conta? Ora, adeus, Bertie, é melhor não ia, lar em tal. Não tenho tido tempo para cá vir, por ter tido muitos affazeres. Hoje trazem-me aqui motivos ponderosos. Preciso dos teus conselhos, que escaado é d'isso, serão pagos, porque valem muito.

—Falei longamente. Bertie de quando em quando, mostrava certa animação no olhar e proferia uma ou outra palavra. No fim, disse:

—Pelo menos, quinze libras, Leo. Não commetas muitas faltas,

—Não te preoccupes com isso, velha raposa, retorquiu Leo, rindo. Recorberá a prometida gratificação e nem piol O negocio está concluido.

Meia hora depois, um individuo delgado, envergando um fato castanho e um casaco, sahio cautelosamente do predio. As sobranalhas eram espessas, os olhos vivos e pretos, a bocca e o queixo um pouco distendidos, talvez devido ao uso do cachimbo. Esse individuo assemelhava-se a Sherlock Holmes.

CAPITULO IV

A nodoa de sangue reaparece

Entre a creadagem do castello Fillister reinava grande excitação. Sabia-se que não havia vestigios da creada que tinha desapparecido e aventava-se que as suspeitas recaham sobre o pessoal. As criadas, os creados e o proprio cabelleiro analysavam incommodissimos com o caso. O velho Butler, querendo soce

galos, affirmava que taes juizos eram infundados.

—Pensem, dizia elle, em que o facto do ter desaparecido a nodos de sangue era o bastante para levar o sr. Holmes a descobrir do pessoal do castello. Quem quer que foi tinha com certeza uma chave do quarto de Ellen e convinha lhe faltar desaparecer testemunho tão compromettedor.

—Está bem, disse a sr.^a Chaff, a governante. Sou eu a unica que tenho segundas chaves de todas as portas e sempre quero vér quem é capaz de me accusar d'um crime!

Pôz as mãos nos quadris e olhou em redor. As fitas da sua toca moviam-se ao sal. f dos movimentos que imprimia á cabeça e o rosto, vermelho de coera, tinha um tom guerreiro. A sr.^a Chaff era uma das mais antigas criadas e nunca ninguem se atreveria a fazer recabar sobre ella uma suspeita.

—A minha opinioão, continuou ella, é que Ellen procedia levanianente e se fingia devota para encobrir os maus passos que dava. Sabia muitas vezes com ridiculos arrebiques e querendo dar-se ares de grande dama, o que me fazia descobrir de que tinha algum amante, que n'esta historia toda desempenha o papel principal. Quem elle era, não o sei, porque nunca a andei a espiar, mas tenho a convicção de que não estou muito longe da verdade.

A porta do aposento contino abriu-se de subito, surgindo Sherlock Holmes, que, fazendo um gesto como para acalmar os animos, disse:

—Esta senhora tem razão. Mas não soube explicar bem o caso. Irei passar nova revista ao quarto de Ellen, a fim de vér se consigo descobrir como ella fugiu.

Desceu a escada e foi bater á porta dos aposentos de lord Geraldo, a fim de se certificar se elle estava em casa. Não recebendo resposta, entrou. O aposento, um gabinete que procedia o quarto de cama, não tinha grandes dimensões e estava luxuosamente mobilado. Tudo all parecia o bom gosto de que o seu possessor era dotado. No sr. factuava um perfume de jasmimho que fazia scismar o grande eriminalista. O quarto de cama era mais amplo e de melhor gosto, parecendo á primeira vista um aposento japonex.

Espalhados a granel, havia all tapetes bordados, biombos donrados e vasos diversos, e nas paredes armas nipponicas. Sobre o leito um doceal de seda do comprimento de tres metros. Ao lado, um biombo de grande altura e com decorações em ouro, que á primeira vista, parecia estar ali sem um fim determinado, mas que examinado de perto, se viu estar um tanto ou quanto arredado da parede, deixando assim um intervallo entre esta e o biombo.

Sherlock Holmes examinou attentamente esse espaço. Vinha all dar o caso d'uma chaminé.

—Oh! murmurou elle. Para que serve isto? E esta cornija antiga em mármore para que servira?

Testando, admirado, á cornija, abriu para cima e apañou um objecto. Era um pedaço de seda preta, de mulher. A palmilha denunciava que tinha sido já calcada. Os labios do eriminalista entreabriram-se num ligeiro sorriso. Sabia já que lord Geraldo não levava vida de asceta, mas causava lhe admiracão que mesmo em casa de seus paes recebesse visitas d'aquellas.

—Evidentemente, ha aqui uma saída secreta, que foi utilizada pela dona da meia. Não ha duvida de que o creado que serve o lord andava ao facto dos segredos do anno. Devia recobor hua gorgeta, para nada dizer e occultar estas coisas.

Reflectiu em que nas velhas habitações como aquella não era caso de surprender o haver corredeiras e saídas secretas. Talvez a chaminé que se viu fôse a uma d'essas saídas. Introduziu se nella, fez funcionar a sua lanterna electrica, illuminando assim o largo caso. Como já esperava, não encontrou vestigios de fuligem. O caso tinha taboas com estalhes em estylo japonex. Aquella immediedade de linhas de flores em madrepolira não deixavam vér onde estavam os pregos que sustinham a chaminé.

Collocou o biombo no mesmo sitio e saiu do quarto do lord.

—El' um rapax animado e vicioso, disse o eriminalista consigo. Se eu tivesse um filho, não consentiria em que vivesse n'um aposento como este. Mas lady Julia é d'uma bondade illimitada e não soube sequer em que seu filho é um D. Juan. Se elle soubesse que eu o vi hontem á luz da lua esperando um signal, talvez não estivesse tão socegado!

R-flectindo em tudo o que tinha visto, subiu a escada, dirigindo-se ao quarto de Ellen, de que tinha a chave no bolso. Dou volta ao commutador electrico e pôz-se de novo a examinar o aposento. Ao olhar para o pavimento, teve um sobresalto.

A nodos de sangue estava de novo alli, de fresco e ainda humida!

Ficou immovel durante alguns momentos. Em seguida, dirigiu se á janella, que encontrou fechada. Ninguem podia ter por all entrada. Logo, a porta fôse aberta, eu . . .

Reflectiu de novo. Recordou-se do que havia visto no quarto de Geraldo. Dirigir se para a chaminé. Aconteceu a lanterna electrica, mas soffreu uma desilusão ao vér o caso negro e com fuligem, prova evidente do que havia servido poucos dias antes.

—Foi uma idéa fousal exclamou elle. Veremos o que sabe de toda isto.

Saiu, dirigindo-se para o aposento que mandára reservar. Reflectiu durante alguns momentos, depois preparou-se para sair. Ao transpôr a porta, encontrou-se com lady Julia, a quem pôz ao facto do que se passava.

A mãe de Geraldo, como já dissemos, estava ainda na força da vida. O seu olhar altivo e vivo reflectia a pureza d'uma alma forte, que se lhe abrigava no peito. Convidou o eriminalista a acompanhá-la a uma pequena sala de recepção e ouviu attentamente o que elle lhe dizia. Ao terminar, declarou que ia mandar chamar um chimico para analysar o sangue, informando ao mesmo tempo Sherlock Holmes de que ouvira um grande grito.

—Um grito? De quem?

—De voz de mulher e que me pareceu ser de Ellen.

——D'onde vinha o som? inquiriu o eriminalista.

—Parecia me vir da parede e, por isso, attribui á minha imaginação exaltada. Era, porém, tão agudo que perguntei á minha outra criada de quarto, a Andy, se não tinha ouvido.

—E que responde?

—Disse nada ter ouvido. Eram cinco horas. Mandei chamar os jardineiros e ordenei lhes que percorressem, com os cães, o jardim e o parque, mas nada se encontrou.

—O grito dá-me que pensar. O facto do sangue escorrec de novo affigura-se-me uma bricadeira de mau gosto, ou então o que ali o collocaram querem provar nos que, apesar da porta estar fechada, entram no quarto com a maior facilidade.

—Não, exclamou lady Julia, empallidecendo, um presuntimento diz-me que se passou alguma coisa de terrivel. Recio que avia sangue de Ellen ou d'outra qualquer victima. Varios lá acima vér se encontram alguma coisa que nos elucidie.

—Não consinto em que vá ao quarto de Ellen, replicou Sherlock Holmes, com auctoridade. Pegue-lhe que fique aqui. Lord Manfredó está em casa?

—Não está. Saiu.

De subito, lady Julia exclamou:

—Não ouve? E' o grito de ha pouco que se repetiu.

O eriminalista escutou. Lady Ffillister, com as miões crispadas, curvada para a frente, escutava attentamente. Holmes não se movia, esperando que o grito se repetisse. Terceira vez soou. Enfraquecido, quasi a extinguir-se, parecia sair de dentro da parede. Era impossivel determinar com exactidão o ponto d'onde elle provinha. Lady Julia caiu desmaiada.

—Ao apouco de Sherlock Holmes acudiram as criadas, que transportaram a sua mãe o seu leito, pedrualisando-lhe todo os cuidados. Apenas voltou a si, ordenou que fossem buscar o eriminalista. Este, porém, não apparecia em parte alguma.

Tinha subido ao andar superior e começára a revistar todos os esconderijos, atraz das portas, em todos os recantos, avido de descobrir aquelle mysterio. Dentro em pouco fôra uma terrivel descoberta n'uma alcova destinada a guardar caixas e malas varias. Por baixo da porta saia um pequeno fio de sangue. Servindo-se da garra que nunca o abandonava, abriu a porta e á luz da sua lanterna electrica viu estendido no pavimento o corpo d'uma mulher, mas a que faltava a cabeça.

O espectáculo era tão atterrador que o proprio Sherlock Holm's a ficou durante um momento assombrado. Recobrando o sangue frio, correu ao telephone e pediu communicacão para Scotland Yard.

—Mande immediatamente alguns agentes ao castello Ffillister. Commettee-se ha pouco um assassino, Cerquem o parque, mas nada digam. Os auctores do crime devem ainda estar dentro do castello. Tragam Joly.

Joly era o melhor e o mais veloz dos cães da policia, o qual tinha já prestado aos agentes de Scotland Yard notáveis serviços.

—Agora, murmurou o eriminalista, vames saber se é o corpo de Ellen. Como averigual-o, como termos a certeza?

Penetrou na alcova e curvou-se sobre o corpo, que não estava ainda completamente frio, e que demonstrava ter sido a victima quem soltava os gritos pouco antes ouvidos. Era absolutamente impossivel em tão curto espaço de tempo ter lhe decapado a cabeça e o assassino fugir sem deixar vestigios alguns.

A quem pertencia aquelle tronco? Quem fôra que soltara os gritos? Onde estaria Ellen, se não fosse aquelle o seu corpo? E como conseguira o assassino evadir-se do castello?

Compro a miúdo muitas bigangas e obtenho assim diversas coizas com que faço presentes. Não posso, por isso, dizer-lhe quando e onde as adquiri e a quem as dei.

— Quer com isso dizer que tem feito compras para diversas damas? Vejo que pensa exactamente como as pessoas da sua classe.

— Não é tão mau como pensa, rearguiu o joven em tom de graçaço. Ellen lançou-se me nos braços. Estava apaixonada por mim e vinha diferentes vezes ter commigo, sem que ninguém desconfiasse.

— Sahia então pela chaminé para ir para o seu quarto? interrogou Sherlock Holmes.

— Oh! Como o veriñico?

— Achei a meia na chaminé do seu quarto, lord. Não é diffiil de concluir que existe uma passagem atravez dos forros das paredes. Até agora, porém, não tive ainda occasião de me certificar. Extranho que ainda me não tivesse dado conhecimento de tal factó e talvez me possa indicar outras saídas.

— Não, não conheço nenhuma outra. E a confissão que fiz foi para alliviar a minha consciencia.

— Não poderá dizer-me se o cadaver que encontramos será o de Ellen?

— Não sei bem. Ellen tinha a pelle muito clara, muito fresca e nunca lhe notei mancha alguma. Affirma-se-me que o tronco encontrado é o d'uma pessoa morena.

— N'tiso não ha duvida. Aquelle tronco não é o d'uma leira.

— Vejo que n'isso estamos de perfeito accordo. Crimi-nologica-me sobre o que seria feito de Ellen.

— Diga-me uma coiza, lord Geraldo. Teve alguma questão com ella? Via-a no dia de baile?

— Nada houve entre nós e vi-a uma hora antes de principiar o baile. Quando trazia d'óras para minha mãe, ao atravessar o corredor junto da porta do meu quarto, entrebri-a, metteu a cabeça e exclamou:

— Recebo hoje uma senhora muito antipathica, lord Geraldo. Vi-a e fiquei muito contente.

— Ah! Ella era d'essa força? disse o criminalista. E que lhe respondeu?

— Disse-lhe que lhe contraria depois do baile o que se passasse com essa tal senhora. Ao findar a festa e se divulgar o roubo do centro de mesa e o desaparecimento mysterioso de Ellen, não mais pensei em tal coiza.

— Não tem presentimento algum do que lhe succederia?

— Absolutamente nenhum. Supponho que foi victimo d'um humiilido, d'esse que traz atterrada a cidade de algum tempo a esta parte.

— Não suppôz que ella tivesse fugido?

Geraldo soergueu os hombros.

— Não. Considerava a uma rapariga ajuizada e não dei porque tivesse mais algum amante. Sahia sem que ninguém lhe perguntasse onde ia. Todos andavam no occasio muito atarefados e não pensavam nos outros. Ellen tinha pouco serviço. Quando alguma senhora necessitava dos seus serviços, minha mãe mandava chamá-la outra creada de quarto.

— Vejo que nenhum novo esclarecimento me poderá fornecer. Agradeço-lhe a sinceridade com que me fallou.

D'ahi a pouco, Sherlock Holmes sahia do castello. Horas d'pois, os transeuntes liam, affixado nas ruas, o seguinte edital:

«Ellen, estás decoberta! Nada de embustes! Casa-tens tomado outro caminho, ainda podes ganhar mil libras. Não serás punida e nada, absolutamente nada soffrerás. Envia resposta, em carta, a Geraldos.

— Talvez não d'ê resultado commentou Sherlock Holmes, lendo o edital e examinando as physionomias dos que paravam a lê-lo. Talvez... O fio dos seus pensamentos foi de subito interrompido pela aproximação d'um automovel. Frouz attonito. Duvidou do que os seus olhos viam, julgando vêr-se a si proprio. O seu rosto, as suas feições, o seu fado, o seu sobretudo, tudo equal. Nem a bocca, um pouco á banda, faltava. O vehiculo tinha uma côr avermelhada, era governado e as rodas salpicadas de amarello. O chauffeur trazia coiza de pelles, olhos espeziaes, proprios, e ao pescoço uma manta azul.

— Há de saber a quem pertence o automovel, dia-se o criminalista. Se fir particular, será trabalho perdido, mas se é de aluguer, lá assim não succederá.

Pôs-se a caminho, socegradamente. Dirigiu-se para sua casa. A fim de saber se haveria alguma novidade.

— Sr. Holmes, exclamou o seu ajudante Harry Taxon, ao vê-lo, foi pena que não estivesse commigo. Corri o mais que pude ao descobrir na rua uma coiza interessantissima, mas o seu automovel levava tal velocidade que o não pude alcançar.

Sherlock Holmes orouu os braços e eliou attentamente para Harry, perguntando-lhe com a maior serenidade:

— Estás incomodado, meu rapaz?

— Ora essa, respondeu Harry, inquieto, já me viu alguma vez doente, mestre?

— Não, mas podia agora ser a primeira. Escusas de fazer essa cara, Parece-me que estivate muito doente.

— Porque?

— Porque venho do palacio Filistier e não comprehendo como me tivesses visto.

— Vi o tão bem como estou agora a vê-lo, á esquerda das ruas Queen e Aberdeen.

— Mas se não eu eu!

Harry olhou, admirado, para o mestre.

— Compreheendo o teu engano, proseguiu o criminalista, pôs-se ao proprio vi o meu seozia na rua, o que me causou admiração.

— Um soz'á?

— Não posso chamar-lhe outra coisa, visto que não tenho irmãos. Com os diabos, não sei como explicar o facto. Ou estarei tu embriagado como tu?

Desataram a rir. Harry informou o mestre de que a descoberta que lhe queria communicar era a de ter visto, n'um *coupe* lady Courtington acompanhada d'um individuo que não era o esposo.

— E causou-te extranha? Toda a gente sabe que essa senhora é uma *couquette*.

— Mas ainda não acabei, mestre. Aproximei-me do *coupe*, que, devido a um choque, parou no meio de Oxford Circus. Um homem, com os olhos arregalados, partiu brutaalmente uma das vidraças.

— Houve algum conflicto?

— Não, pois n'esse instante os cavallos arrancaram com impeto e a carruagem desapareceu da minha vista. Mas quem suppôz que era o auctor do attentado?

— Algum conhecido nosso? interrogou o criminalista.

— Sim, mestre. Era Will K-limy.

— Com mil demônios! Esse animal ainda está em liberdade? A casa de correctio não lhe fez mal. Entrou para lá ha parto de dois annos e deve ter sahido ha pouco tempo.

— Se o visse olhar para Bella Courtington! Parece que a queria devorar. Não seria bom preveni-la?

— Escusado. Não penses em tal, meu filho. Abandon-a ao seu destino, não te inquietes. Quem procede mal, cedo ou tarde recebe o castigo. Vae percorrer todas as *garages* de automovios para saberes qual foi a que alugou um d'esses vehiculos de côr avermelhada com as rodas salpicadas de amarello.

— E quem era o *chauffeur* que trazia uma manta azul ao pescoço, não é assim? continuou Harry.

— Vejo que não te escapou, meu rapaz. Os meus cumprimentos. Se conseguires descobrir a quem pertencia o automovel, corre ao castello Filistier, onde d'aqui a meia hora estarei.

Harry sahio e Holmes encaminhou-se para o Banco Nacional.

— Ao dirigir-se para um dos *pickets*, a fim de obter uma informação, um empregado sahio-lhe ao encontro, dizendo-lhe:

—Então, sr. Holmes, de volta? Não está tudo em ordem?

— Em ordem? O quê? perguntou o criminalista, inquieto e sentindo alguma coisa desagradável.

—O recibo que ha pouco lhe entreguei. Note com prazer que já lhe desapareceu a rouquidão.

—Meu caro sr. Hare, disse Sherlock Holmes, ap proximando-se da guilhotina e fitando bem de frente a seu interlocutor, peço-lhe que se explique. Ha semanas que não tenho a honra de o vêr. Como comprehender, pois, as palavras que acaba de dirigir-me!

Hare olhou para os collegas, que tinham erguido as cabeças de sobre os livros, ao mesmo tempo que sorriam.

—Vejo que o sr. Holmes gosta de graças. Não ha ainda uma hora que aqui esteve, a receber um cheque de mil libras esterlinas.

—Um cheque de mil libras? Está redondamente enganado. Juro-lhe que ainda hoje aqui não vim. Te realmente em meu poder cheques assignados por lord Filister, mas...

— Já o sabemos, atalhou o empregado com um modo. Recebemos do proprio lord em pessoa ordem para descontarmos immediatamente os cheques que o senhor nos apresentasse. Ora os meus collegas podem confirmar que ainda não ha uma hora recebi a visita do sr. Holmes, e francamente, não comprehendo o seu procedimento.

—Começo eu a comprehender! exclamou o criminalista. Posso garantir-lhes que não fui eu que aqui estive e, naturalmente, o cheque que lhes foi apresentado tem a assignatura falsificada.

Hare correu a buscar o cheque que fora pago pouco antes. Comparando a assignatura com a do que o criminalista apresentou, não se encontrou diferença alguma. Todos ficaram mais ou menos perplexos.

Sherlock Holmes declarou:

—Vou dirigir-me immediatamente a casa de lord Filister, que poderá confirmar que eu me encontrei no seu castello na occasião em que esse cheque foi aqui descontado. Nunca até hoje me succedeo coisa semelhante. Um bandido, disfardado em Sherlock Holmes, veio levantar tão importante quantia! A perda não será grande para o lord e para o Banco, mas ha um ser descolôr quem foi o patife que assim se disfardou

CAPITULO VI

Novas descobertas

—Joly, aqui gritavam no parque do castello Filister a um cão felpudo que, com ohar vivo e brilhante, agarrava as ordens do dono. Quis! Se andares sem juizo, terás raço dobrada.

Assim falava o dono de Joly, um agente secreto. O animal parecia comprehender o que se lhe dizia. Dava pulos em roda do dono e fazia-lhe festas. Era um dos melhores auxiliares da policia e nos ultimos meses fizera verdadeiros milagres, seguindo admiravelmente diferentes pistas. Todos os jornaes de Londres haviam inscrito o seu retrato. O policia Nellow, seu instructor, sentia-se envaidecido com os successos obtidos.

Sherlock Holmes confiára-lhe, de manhã a guarda do cast-lllo e do parque, indicando-lhe qual seria o melhor modo de encontrar uma pista para descolôr os crimes ali praticados. O cão foi levado junto de escaivar que chevron. Farcion tambem junto da porta, das paredes e do sobrado, mas não dera signal algum. Acompanhando o que elle fazia, Sherlock Holmes dizia:

—Deixe o, sr. Nellow. Talvez o Joly venha confirmar o presentimento que tenho do criminoso que se criminoso seguiu.

E apontou para uma vigia collocada perto d'elles. Joly saltou n'esse momento, ladrando e empinando-se, como que a querer subir.

—Traga uma cadeira ordenou o criminalista.

O animal, d'un pulo, saltou para cima da vigia. Correu até ao telhado e d'ahi até junto da chaminé, onde havia uma porta de ferro. Parou e começou a lair com força.

—Cá está! exclamou Sherlock Holmes. O facinora desceu e subiu pela chaminé. Traga uma escada.

Empurrou a porta, que apenas se achava encostada, despiu o casaco, subiu pela escada de ferro que levava ao telhado. Ao chegar junto da chaminé, parou. Não se viam vestigios do criminoso. Descen.

—O patife, evidentemente, foi até junto do cão, que o auxilian maravilhosamente na fuga, disse elle

Leve o cão para baixo e vamos analysar o ponto onde o caso termina no jardim. Se Joly encontrar alguma coisa de suspeito, teremos a confirmação do que supponho. E' a melhor pista.

—Ao chegar ao parque, Joly parou junto do ceno. Seguiu até junto d'uma fonte, farcendo e pulando.

—Quietos, Joly! ordenava Nellow. E' já velha a historia. A agua apaga os vestigios. Não ha duvida de que o criminoso, escapando-se pela chaminé, veio até aqui, para dar tempo ao tempo. Esperamos pelo sr. Holmes.

O criminalista chegava a'esse momento. Aproximou-se rapidamente e mostrou ao agente um objecto que trazia na mão, ao mesmo tempo que dizia:

—Encontrei isto dentro de casa. Veja!

Era um simples gancho de cabelo, mas devia ter grande importancia, visto que Sherlock Holmes sorria satisfeito ao mesmo tempo que interrogava Nellow com o ohar.

—E' apenas um gancho, continuou ella, mas sempre é melhor que nada, mormente quando temos d'istilo E' erguen ao ar o pequeno objecto, que nada tinha de extraordinario, excepto o ser de celluloido.

—Isso nada indica, murmurou Nellow. Foi gancho que caiu dos cabellos do cadaver.

—Muito bem. E é importantissimo, porque a rapariga que procuramos não usava d'estes objectos.

—Como o sabe?

—Pela velha governante, que conhecia bem os costumes de Ellen, a qual tinha cabelo abundante e louro e só usava ganchos donratos. Não usava d'isto.

—E' interessante a descoberta e a historia do crime é deveras mysteriosa.

—Não tanto como lhe parece, observou Sherlock Holmes. Os moradores do castello estão convencidos de que foi Ellen quem roubou o centro de mesa e a saphyra. Eu creio e contrazo. A rapariga tinha um amante e foi este o auctor do roubo, raptando-a ou fugindo de livre vontade com ella, apesar de assim a expôr a todas as suspeitas. Desejo que o sr. Nellow me auxilie na captura de Kellyny, de quem desconfio, e que, ao que me consta, está em liberdade, andando pelas ruas de Londres passalito soegadamente.

Nellow objectou:

—Não podemos, porém, deitar-lhe a mão sem que se torne culpado d'alguem delicto. Quem foi que o encontrou?

—O meu ajudante Harry Taxon, que o viu partir uma das vidraças da carruagem de lady Courlington. Basta este facto para justificar a sua detenção. E' quem sabe quantas patifarias elle não terá praticado! Logo-lhe que se dirija, acompanhado de Joly, para Saint James Road, onde mora essa senhora e ahí se conserve

de vigia. Logo que Kellyny appareça, indique-o ao cão, para o caso de ser preciso servirmo-nos do animal, que o ficará assim cobhecendo.

Nellow assentou com a cabeça.

—Não leve a mal, sr. Holmes, que discorde da sua opinião, mas não me parece que seja esse bandido o auctor do assassinio da creada.

—Mas quem foi que disse tal coisa? notou o criminalista. Creio ter emitido até a opinião de que a rapariga não morreu.

—Pois eu creio que só uma creatura deshumana como Kellyny era capaz de andar com um cadaver mutilado por cima de um telhado. E ha que acrescentar que sobre esse bandido peza a accusação de ter roubado um cadaver para o vender.

—Item si. Vendeu o cadaver a um pintor que d'elle necessitava para modelo.

—Só ao pensar em tal coisa sinto os cabellos porem-se-me em pé!

E Nellow dirigiu-se, com Joly, para o interior do parque. Sherlock Holmes, ficando junto da fonte, examinou tudo attentamente. A agua tinha, por um canal subterraneo, d'um pequeno regato que corria no meio do parque. A fonte era revestida de lindos e artisticos mosaicos, que o criminalista examinou cuidadosamente.

—Não me engano, pensou elle. Estas pedras estão humidas, o que não pôde ser devido á chuva, visto que ha oito dias, pelo menos, que não cae uma gota d'agua. Parece que algum devotio a corrente, mas o caso está tapado. Vou vêr o que ha e se as minhas supposições sã ou não fundadas.

Chamou um dos jardineiros e expoz-lhe o que queria. O homem abriu a torneira, deixou correr a agua, desatarrachando em seguida uma chapa de ferro. Espantado, correu-se, apanhando um objecto que se via no meio do canal.

Era um cachimbo.

—Com mil demônios! exclamou elle. E' realmente extraordinario. Este cachimbo é pequeno, mas não caibia pela abertura da chapa. Não pôde haver duvida de que desviaram a corrente, visto que o cachimbo está travessado atraz d'este pedaco de musgo. Que extraordinaria coisa!

Holmes, examinando o achado, disse:

—Este cachimbo sahe na agua ha pouco tempo. Quando muito, está aqui ha um dia, visto que a madeira ainda não foi atacada pela agua. Não é um cachimbo vulgar, mas d'uma qualidade bastante rara. E tem um numero. Não é, pois, pertença d'alguem oario cu d'alguem de somenos importancia, mas sim d'um fidalgo.

—Sr. Holmes, salvo o devido respeito pela sua

grande intelligencia, não percebo como pôde afirmar tal coisa.

—Ora, veja, disse o notavel criminalista, sorrindo, as paixões ou os vícios tem tambem o seu lado bom. Se eu não fosse um fumador incorrigivel, não estaria evidentemente ao facto de todas estas minucias dos cachimbos. Tambem não poderia afirmar que este vein do estabelecimento de Samuel Coheny, da rua do New-bond, sendo me assim ficial, pelo numero, averiguar quem é o seu proprietario.

—Sherlock Holmes dirigiu-se para o castello. Dez minutos depois apear-se do automovel do lord e para do fabricante de cachimbos. Apoz breves momentos, sahia do estabelecimento. Vinha extremamente pallido. Soubra que o comprador tinha sido lord Geraldo Ffillister.

CAPITULO VII

Em casa do joalheiro

Na dia seguinte áquelle em que no Banco Nacional fôra recebido o cheque falsificado, Harry Taxon encaminhou-se para a City. Ia disfarçado de tal modo que nem os seus proprios amigos o reconheceriam por debaixo do uniforme de policia que envolverá, com permisso d'um dos chefes de Scotland Yard. Queris visitar os receptadores de furtos da cidade de Londres, a fim de vêr se descobris o paradeiro do centro de mesa.

—Começarei pela casa de Moyses Abrahamson, pensou elle. E antigo penhorista e dir-me-ha com certeza onde posso encontrar o que desejo. Os escalos do joven não falharam. O velho prestamista recebeu-o com a maior naturalidade, mas ao saber que procuravam o centro de mesa no seu estabelecimento ficou exaltado.

—Está a granejar, bradou elle. Então eu ia comprar um objecto de que todos os jornaes falam! Ia por minhas mãos preparar a minha infelicidade? Onde é que soubs que eu tratava de negocios escuros?

—Soague, soague! replicou Harry, sorrindo. Podia ter accedido ao centro como penhor antes dos jornaes trazerem a narrativa do roubo. Era tão facil!

—Mas depois ficava o sabendo! Nem a brincar diga

tal. Imagina que sou receptador de furtos? Os receptadores são estupidos e estupidos são todos os burlesos. O senhor tem-se intrometido de mais nos meus negocios. Adeus, meu amigo!

—Quer, pôr-me assim na rua, velho amigo? Mas eu é que não saio com tanta facilidade. Pelo menos ha de indicar-me, embora vagamente, onde poderei encontrar o que procuro. Tem laxantissimas occorrences entre os prestamistas e os usurarios. Se todos fossem tão honrados como o senhor!

—Já foi a casa de John Dairy, que no inverno passado me denunciou á policia?

—Ainda não. Diz-se que o senhor empresta grandes quantias e, por isso, aqui vim primeiro.

—Isso dá-me no gôto. Quem foi que lhe disse tal coisa? exclamou o velho, furioso. E' certo que empresto grandes quantias, mas não imagine que procedo como Dairy. Deus ha de castigar esse patife!

Harry sahio, todo satisfeito. Conhecia as rivalidades existentes entre os prestamistas. Dairy era, com effeito, um dos individuos mais suspeitos do bairro. Dirigiu-se para o seu estabelecimento. Ao lado da loja havia um quarto interior e uma cozinha, onde se via uma panela a aquecer ao fogão.

Harry penetrou na cozinha e, depois de olhar em roda, voltou-se para o usurario que, surpreendido pela brusca invasão do seu domicilio, olhava admirado para o falso policia. Harry ordenou:

—Abra esse quarto! Aqui na cozinha, não foi com certeza guardado o que me interessa. Quero passar uma bruxa.

Dairy tentou não obedecer, oppondo mil razões especiosas, sem nada conseguir. Fôrpede a abrir a porta, fê-o, mas de má catadura. Harry penetrou n'um quarto escuro e imundo.

—Fique do lado de fóra, ordenou elle ao prestamista, puxando do revolver e accendendo a sua lanterna portatil. Não preciso aqui da sua companhia.

—Eu é que aqui o não devia deixar entrar. O quarto está alagado. Olha, ali está o leito e além o lavatorio. O inquilino não está aqui n'este momento.

—Isso não importa, disse Harry, zombeteiramente. Não me pode prohibir a entrada. Para traz, repito, não confio em si!

Apontou-lhe o revolver. Dairy correu, aterrado, e Harry dirigiu-se para a loja, cuja rebenta levantou, procurando o que quer que fosse.

—Nadão murmuro! elle. Contudo iria jurar que o velhoco escondia aqui alguma coisa. Não me inspira confiança. Não me queria deixar entrar.

Remexia tudo, todos os moveis, olhando para todos os cantos.

Deve-se junto do pequeno forno, collocado a um

canto. Abriu com custo a porta, mas apenas encontrou um monte de cinzas. Remexendo essas cinzas, Harry sôltou um grito de alegria. Avistára uma massa de ouro.

Dairy, curioso por saber a causa de tal jubilo aproximou-se da porta, apesar da prohibição que lhe fóra feita. No rosto manifestava o maior receio. Tentava fazer-se passar despercebido. Não podendo, porém, resistir á curiosidade, perguntou:

—Que foi? Achou alguma coisa?

Harry apromptou-se, correu para o prestamista, agarrou-lhe n'um braço e arrastou-o para a porta do estabelecimento. Ao chegar ali, fez um signal, accendendo immediatamente um agente que estava á esquinha.

—Segure-me aqui este senhor. Espere me um instante, que eu acompanho o já ao posto.

Dirigiu-se de novo ao fogão, onde julgava encontrar mais provas da culpabilidade de Dairy. Effectivamente, revolvendo as cinzas, distinguio a um canto restos do delicado trabalho em ouro do centro de mesa. Satisfestissimo com tal achado, encaminhou-se para o posto policial.

—Trago lhe aqui um receptador, disse elle ao encarregado do posto. De-scobri em casa d'este homem pedações d'ouro pertencentes a um centro de mesa, roubado no castello de lord Ffillister. Não estavam fundidos por completo.

—Mas, meus senhores, disse Dairy n'um suspiro, não me de nada sabia. N'este quarto vive um

meu amigo e ignoro o que elle faz. Que é o facto d'elle fundir objectos roubados?

—Liga-nos o nome do seu hospede, como se chama?

—Brown, John Brown, e ha dois dias que não vem a casa.

—Ab! disse o encarregado do posto, em tom irónico. Quer então dizer que d'elle nada sabe? São as mesmas explicações de sempre, a que, de resto, já estamos habituados. Pode provar-nos que alugou o quarto?

—Não, não posso. Sou um pobre velho, sem relações, sem amigos!

—O que o senhor é, é um grande velhoco, redarguiu o encarregado do posto. Olhe que não é a primeira vez que aqui entra. A sua gravata da vida devia ensinar-lhe que o melhor n'estos casos é confessar. Se quizer dizer quem foi que levou o centro, o juiz encarregado do processo levar-lhe ha essa confissão em conta e soffrerá pena muito benigna. Não ha meio de nos convencer que ignorava que o objecto não tinha sido roubado.

—Não o sabia, juro-o por Deus e por todos os

santos! exclamou Dairy. Basta que lhes garanta que foi uma senhora muito fina que foi a minha casa. Já vêem que se não tratava d'um roubo.

—Uma senhora distincta? Hum! Que tal lhe pareceu ella, Dairy?

—Trazia um espesso véu. Ora para mim as senhoras que trazem véu são inapreciaveis. Era alta, elegante, muito perfumada, e sandalo e rosa, perfume com certeza muito caro.

—Creadas do quarto trazem ás vezes d'esse perfume, disse o encarregado do posto, que ia creverendo as declarações do preso. Talvez fosse a creada de quarto de lord Ffillister.

—Não era, redarguiu Dairy. Essa tinha o cabelo louro e era magra, ao passo que a que foi a minha casa era gorda. Não sei se era loura, mas lembro-me de que nas orelhas trazia brinco de brilhantes.

—A creada de lady Ffillister não usava brinco, murmurou Harry Taxon em voz baixa.

Virou-se no retrato de Ellen, o retrato que o criminalista lhe dera.

Dairy continuou a prestar declarações, que já não offereciam interesse.

Harry correu ao castello Ffillister a fim de informar o mestre do que se passára.

—O sr. Holmes ordenou que fossem a sua casa, no caso de aqui o virem procurar, declarou o velho mordomo, que, mais tranquillo, reconsiderara e voltára a reanunciar o seu lugar. Disse que ia dar umas voltas pela cidade e depois se dirigia a casa.

—Sucedem por cá alguma coisa de extraordinario? interrogou Harry.

—Não, senhor. O lord anda apouquentissimo, por nada se descobriu. A lady, que ainda continua em tratamento, embora livre de perigo, não consegue consolar-se da perda da valiosos jóia. Emquanto a não readquirir, receia que a vida de lord Geraldo ocorra risico.

Harry mal ouviu o que o velho Butler dizia. Só pensava no descobrimento que fizera em casa de Dairy.

—Quem seria a tal dama? pensava elle, com certeza que não era Ellen.

E voltando-se para o velho mordomo, cujas câs, nos poucos dias que haviam decorrido se tinham tornado ainda mais brancas:

—Diga-me lá: o centro ficou ainda na mesa, depois de tirarem tudo?

—Não, senhor. Estava no buffete junto da parede da sala. Se quer vêr onde estava, senhor Taxon.

Guion o joven ajudante de Sherlock Holmes á sala

de jantar e indicou-lhe ali o sitio occupado pela preciosa peça de baixela.

Harry notou immediatamente a janella que perto ficava, a mesma em que o criminalista reparara na noite do roubo.

—Abriu esta janella na noite do banquete? perguntou elle.

—Estava encostada.

—E veio aqui durante o baile?

—Não, senhor, só n'um intervallo. Só demorei por falta do centro depois da primeira parte do espectáculo, pois, como naturalmente não ignora, houve recita depois do banquete.

—Não lhe occorreu a idéa de que podia ser uma senhora a auctora do roubo?

—Mas, sr. taxon, os convidados eram todos pessoas distintas!

—Sim, bem sei, mas para mim é de té que foi uma mulher que fez o roubo, deixando o depois da janella abaixo, a algem que ali estava para o receber. Estou firmemente convencido de que uma fama os illudiu a todos.

—O que? Já tem alguma pista?

Harry respondeu em tom orgulhoso:

—É claro que sim. Descobri a e vim aqui para participar ao sr. Holmes a descoberta que fiz. Pôde avisar lord Fillister de que o receptor já está preso. Espero tambem prender a ladra.

Harry sahi e encaminhou-se para casa do mestre.

Enquanto isto occorria, n'uma joalheria da City passava-se a seguinte scena.

Um homem, que parecia ser Sherlock Holmes, depois de pedir se joalheiro uma confidencia particular, para o que fôra convidado a entrar n'um gabinete contiguo ao estabelecimento, dizia:

—Tenho a fazer lhe uma importante communicação. Por isso, peço-lhe o obsequio de fechar bem a porta. Conheço-me, não é verdade? Sabe tambem que Sherlock Holmes não se occupa de negocios escuros, não é assim?

—Toda a gente o sabe. redarguiu o joalheiro, fazendo uma reverencia.

—Conto então em que me dará a sua palavra do nada revelar do que lhe vou dizer.

—Não vejo motivo algum para lh'a não dar, sr. Holmes. Creio que se não trata d'um crime. Guardarei, portanto, o mais rigoroso sigillo.

—Queria falar.

—Como sabe, começou Sherlock Holmes, como que hesitando, lord Fillister foi victima do roubo d'uma bella e afamada saphyra.

—Sim, sei-o. A pedra tinha subido valor, disse o joalheiro.

—Bem. Ouça. Essa joia não desaparecerá.

O joalheiro teve um movimento instinctivo de recuo, olhando com desconfiança para aquelle homem que mal conhecia pessoalmente, mas só pela fama do seu nome. Depois, mal disposto:

—Que idéas fórmas de mim, para me estar com esses contos?

O criminalista redarguiu:

—Sen eu que lh'a affirmo. A saphyra não desapareceu. E' caso o segredo que lhe quero confiar. Advinha do que se trata?

—Não, nada percebo.

—Pois é facil de perceber. Vou dizer-lhe tudo. Lady Fillister tem, como muitas outras senhoras, um fraco: o seu amor demasiado pelo luxo, gastando mais do que deve com as suas toilettes.

—Está então comprometida?

—E muito. As dividas amontoeiram-se de anno para anno e não se atreveu a confessal-o ao marido.

Foi por isso que engendrou a comedia da saphyra desapparecida. Essa pedra tenho a em aqui, no meu bolso.

—Um olho do joalheiro fuscaram de curiosidade.

—Tem-a ahí? Agora, entendo. Lady Fillister entregou-lh'a para a vender e deseja que eu lh'a compre?

—Exactamente, é isso mesmo. Como vê, trata-se d'um negocio magnifico.

Mettendo a mão no bolso, Sherlock assumiu uma caixa e um pequeno brulho, que apresentou ao joalheiro.

Este, de nome Machotton, abriu o e sentiu se deslumbrado. A sua orelha brilhava intensamente a celebre joia.

—Não ha duvida! murmurou elle. E' realmente a saphyra Fairy. E' a joia mais bella que conheço.

O olhar do criminalista fixou-se no rosto do velho joalheiro.

—Quanto dá por ella? perguntou.

—Hum! Se a comprar, corra o risco de a não poder vender, visto que o roubo se tornou publico. Ninguém a quererá comprar.

—Ora essa! Adé o proprio risco a comprar. Não pensa então em a revaver. Mas, espere um pouco... Vou architectar um plano. Tem razão. Por fim lord Fillister viria a saber tudo e eu não quero o meu nome envolvido no caso...

Machotton, franzindo as sobrancelhas, replicou com a maior seriedade:

—Diga toda a verdade, sr. Holmes. Poderiam suppor que me tinha apropriado d'ella por meio d'um

roubo. Está decidido! Ou conto ao lord toda a verdade ou renuncio a compra.

—Não tenha tanta pressa, sr. Machotton. Primeiro tenho que consultar lady Fillister. Não posso vendel-a por menos de dez mil libras esterlinas. Prometti á lady levar-lhe essa quantia.

O joalheiro restituiu a joia ao visitante.

—Pode entregal-a a lady Fillister, porque não dou tal quantia por ella. Sa com metade, ou sejam cinco mil libras, vá, mas ainda com a condição de que o lord me ficará com ella, dando-me, é claro, algum lucro.

Holmes acenou com a cabeça.

—Ella está doente, devido principalmente aos desgostos e á exaltação em que se encontra. Se eu lhe levasse mil libras ficaria animalissima e talvez accizasse a sua proposta. Ao menos poderia fazer calar a modista.

O joalheiro dirigiu-se ao cofre.

—Tenho aqui as mil libras, disse elle. Posso levantar do banco o resto, visto que tenho ahí depositados os meus espantes.

—Em que especie são os valores? perguntou Sherlock Holmes.

—Antigos titulos do Banco Nacional Escocoz, respondeu o joalheiro.

Ao mesmo tempo, enchurrou um cheque.

—Os maridos, murmurou elle, são todos estupidos! Sinto-me contents por ter ficado solteiro. Aqui está o dinheiro, sr. Holmes, mas espero que em breve lhe dê uma resposta decisiva sobre se o meu preço é ou não accetado.

—Espere pelo menos até depois d'amanhã disse o criminalista, guardando o cheque. Lady Fillister temoira ter viajado e por enquanto convem que seu espouse ignore tudo. Adeus, sr. Machotton, felicito-o pelo bello negocio que acaba de fazer. Veja ainda uma vez se a pedra é verdadeira.

E entregou-lhe a saphyra.

—Não é preciso, sr. Holmes. E' verdadeira, bem verdadeira, como ouro de lei.

E a saphyra foi mettida no cofre forte do joalheiro.

Não era, porém, Sherlock Holmes quem acabava de a vender.

CAPITULO VIII

O elegante Kellyny

Sherlock Holmes encontrava-se, havia algumas

horas, sentado no seu gabinete de trabalho, fumando o seu inseparavel cachimbo, proximo do fogão.

Harry Taxon entrou e participou-lhe, contentissimo, que tinha encontrado alguns pedacos de ouro.

—Descobriste isso, meu filho? disse o criminalista em tom eloquente. Andaste bem e rapidamente, o que é muito para levar. E a tua descoberta tem grande importancia, tanta como a do bandido que levou o cadáver mutilado para o castello Fillister.

—Não lhe parece então que haja conexão entre os dois factos?

Sherlock Holmes abanou a cabeça, redarguindo:

—Creio que Ellen não morreu, mas ainda não posso formar opinião segura a tal respeito. O que importa agora é saber quem foi que teve a habilidade de fazer convergir todas as suspeitas sobre a rapariga. E o ponto principal, na minha opinião, é averiguar o motivo porque ali appareceu o cadáver.

—Ahi Parece lhe isso?...

—Certamente, atalhou o criminalista. Se a dama que foi a casa de Dary vender o centro de meza está conculada com o bandido que supponho auctora do crime, temo a partida ganha.

—Mas como obter a confirmação de taes desconfinanças? perguntou Harry.

—Ha uma hora que dou tratos á imaginação para vir á mãos com esse Kellyny a quem considero auctora do tudo.

Harry ficou silencioso. Quando o mestre fazia qualquer observação não era sem motivo.

Holmes olhou pensativo para o rosto do discipulo e, apoz uma pausa:

—Olha lá, Harry. Não é já a primeira vez que faxes o papel de dama, não é verdade?

—Bem sabe que não, sr. Holmes, e desempenho-me á maravilha d'esse papel, respondeu Harry, sorrindo.

—Muito bem. Entra então no nosso camarim e trata de te caracterizar. Faz-te bonita, tomando por modelo aquelle rapaz que conseguia illudir os do sexo a tal ponto que alguns parvos se apaixonaram por elle. Sabes bem que não é pelo rosto, mas pelos gestos e pela attitude que se conhecem os homens.

—Pois d'aqui a um quarto de hora terá na sua frente uma mulher verdadeiramente seductora.

Harry não fizera uma promessa que não podia cumprir. Poucos minutos decorridos depois do prazo que marçara, a porta abriu-se, dando passagem a uma dama de belleza arrebatadora e que á primeira vista se percebia ser em extremo leviana.

As sobrancelhas e as pestanas eram pretas de azevilho, a attitude elegante, os seios desenvolvidos e

tentadores, tornando-n'uma mulher ideal, trajando no rigor da moda e com o maior gosto.
— Impresaria os corpos das ondulações que Sherlock Holmes soltou uma gargalhada.

— Bravo, meu rapaz! exclamou elle. Euziaste-te esplendidamente, de modo a illudires toda a gente. Falta nos agora encontrar Kellyny para o casarmos!

Harry, sarcastocando-se, enroscava em volta do chapéu da ultima moda em vên, que lhe ficava á maravilha sobre a cabelleira dourada.

— Para onde vamos? perguntou elle n'uma voz femil, sorrindo com a maior graciosidade.

— Primeiro, diz-me: conseguiste descobrir a parade do automovel de côr avermelhada e rodas salpicadas de amarello?

— Pertence á Sociedade anonyma de carruagens «Jupiter». O *chauffeur* afirma a pés juntos que a pessoa que conduziu era o grande criminalista Sherlock Holmes.

— Estupido! Para onde seguiu o bandido que tomou as minhas feições?

— Para Trafalgar Square, em direcção ao Banco Nacional. Foi exactamente á hora a que eu o vi.

— E' caso deveras complicado. Aquelle que assim ousa disfarçar so em Sherlock Holmes com certeza deve ser um criminoso actor.

— E o fato era exactamente igual ao do sr. Holmes, disse Harry Taxen. Se ap-nhamos ás mãos o patife!

N'esse momento soou a campainha do telephone.

— Quer que vá ver quem é, sr. Holmes?

— Não, meu rapaz, vou eu.

E Sherlock Holmes dirigiu-se ao apparelho.

— E' o sr. Holmes? — Sim? ... Queris dizer-lhe que a saphyra não está em segurança no meu cofre e que por esse motivo a vou depositar no banco. Se lord Filister a deseja, levar li'a hei.

O criminalista ficou boquiaberto, sem saber o que responder.

— Quem me falla? perguntou elle finalmente.

— Ora essal Quem ha de ser? Sou eu, Daniel Mochotton. O senhor esteve aqui ha uma hora, em minha casa, e não me conhece a voz?

— Eu entrei ha uma hora em sua casa? Com que fim, não me dirá?

— Ouvin-se uma imprecação e o joalheiro respondeu mal humorado:

— Não parecia a perguntas. Vendeu-me a saphyra Fairy pela quantia de cinco mil libras e não sabe o que vou fazer a minha casa! E' curioso. Previno-o de que a vou depositar no banco.

— Tem a certeza de possuir a verdadeira saphyra? perguntou Holmes.

— Quanto Meyers! Julga então que eu era capaz de dar uma quantia tão elevada por uma imitação?

— Muito bem, sr. Mochotton. Quem lhe falla é o verdadeiro Sherlock Holmes. Estou em minha casa e garanto-lhe que nunca fui ao seu estabelecimento. Se passou a joia verdadeira é porque a comprou a um gatumo.

Ouvin-se uma gargalhada.

— Esquece-se então, sr. Holmes, de que me confiou a critica astuciosa de lady Filister? Para que me quer agora illudir? Procêdo de tal modo que me obriga a ir informar o lord da verdade.

O criminalista ficou durante um momento silencioso, reflectindo.

A arrogancia e a astucia de que o bandido que tomara a sua figura usara causavam-lhe certa admiração.

Podiam surgir difficuldades sem conto antes que conseguisse effectuar a prisão d'esse patife, que era, sem duvida, um terrivel comediante.

— Peço-lhe, sr. Mochotton, que se dirija immediatamente com a joia ao palacio Filister, onde daqui a um quarto de hora estarei tambem. Foi victima de uma burla, mas o lord adquirirá com certeza a saphyra. Não se demore, ouvíu?

— Esteja desconfiado. Tenho tambem empenho em vêr aclarado este mysterio e so. E será facil. Não ha ninguém em Londres, incluindo as creanças, que não conheça Sherlock Holmes. Provarai ao lord que quem me vendeu a pedra preciosa foi o senhor a ninguém. Pode dizer o que quizer.

O criminalista pôz o auscultador no descanço e levou as mãos a cabeça.

— E' a situação mais critica em que ha muitos annos me encontro, exclamou elle. Hei de apodera-me do meu soho. E' de mais Tenho de demonstrar que existem na cidade dois Sherlock Holmes. Vamos Harry, ao palacio Filister e depois iremos procurar Kellyny. Estou realmente admirado com o que se passa. Juro que hei de desmascarar o patife que tomou a minha figura.

O agente Nelbow estava vigiando a casa de lady Courtington, acompanhado do seu fiel Joly, desde a manhã cedo. Mas nada observára e, enchendo os hombros, dizia mal da commissão de que o criminalista o encarregára.

— D'esta feita, Sherlock Holmes não foi bem succedido! pensava elle. Nem a dama, nem Kellyny apparecem. Não é difficil calcular que aquelle tratante anda apaixonado pela bella lady e foi por isso que, ao vê-la em companhia de outro homem, lhe quebrou uma vidraça da carruagem.

Quando assim discorria, notou que, collada ao muro do jardim d'ellahava uma cabeça desgrenhada, cujo possuidor d'allava a momentos galgava o muro e saltava para o jardim.

Tanto podia ser um ajudante do jardineiro como um maltrapello.

Nelbow não ficou muito tempo na incerteza. Em breve reconheceu o que assim apparecia tão bruscamente. Era Will Kellyny, que ali andava a espionar. Nelbow fingiu nada ter visto. Quando se voltou, o patife tinha já desaparecido. Não perdeu um segundo. Em dois pulos alcançou o sitio onde o vira e apontou a Joly um vulto que ao longe corria a bom correr.

O clo correu atraz d'ella e d'alli a momentos segurava-o com força, dando tempo a que o agente chegasse e lhe deixasse a mão.

— Olá, Kellyny! exclamou o agente. Continua então a usar os vellos processos? Que faz por aqui, pelos jardins particulares?

— Aventuras amarellas! replicou Kellyny, com tom altivo.

— Sim, deve ser isso! disse Nelbow, em tom ironico. Mas não me parece que a occasio seja muito anada.

— Oh! Não soo difficil de contentar! proseguiu o bandido em tom orgulhoso.

— A dar credito ás suas palavras, não me poderá mostrar quem é a ditosa que tem entrevistas consigo?

— De modo algum, sr. Nelbow! respondeu Kellyny, com um gesto de recusa. Não quero comprometter uma dama!

— Então siga-me, ordino o agente.

E tirou do bolso umas algemas.

O bandido recou e precipitar-se-hia contra o policia se Joly, presentendo as suas intenções, lhe não tivesse saltado ao pescoço.

— O clo parece que o conhecel observou Nelbow, algemando-o. Tenho-o seguido sem que o senhor desse por tal. Vamos lá dar um pequeno passeio até ao meu proximo posto.

Kellyny não se moveu.

— Tenho o direito, me parece, de perguntar por que razão soo detido, sibilon por entre dentes. Vejo que exorbita dos seus deveres. Responda: porque me prende?

* Podia nada lhe dizer, mas, já que tem tanto interesse em o saber, sempre lhe direi que é accusado de ter partido hontem em vidros d'uma carruagem. O vehiculo pertencia á senhora em cujo jardim nos encontramos. Está satisfeito?

Impelliu-o preso para fóra do jardim e levou-o para o posto mais proximo.

Ao chegar quasi ali, um gaito vendedor de jornas pôz-se a olhar para Kellyny com ar muito admirado.

— Ah! E's tu, Kayriss? exclamou o preso Conheces-me? Vem cá.

O rapaz aproximou-se, respondendo: — Conheço-o muito bem, sr. Kellyny. Quer-me alguma coisa?

— Sim. Corre a casa do *fidalgão* e diz-lhe que filha de *Filho da duque*. Vão hontem a passar com elle e hoje deve estar no palacio do *sober*. Tens, porém, de andar depressa se quizer surprender o *sober*. Não posso fazer nada, como vêes, porque o sr. Nelbow interessa-se muito por mim e não me deseja deixar sóinho.

O gaito desapareceu como uma seta. Kellyny ficou a olhar-o. Nelbow deu-lhe um empurrão, fazendo-o entrar no posto de policia.

CAPITULO IX

Um amante furioso

Sherlock Holmes surpreendia-se com o desenrolar dos acontecimentos, que se succediam com tanta rapidez.

Custava-lhe o ter sido illudido com uma tal astucia e não ter ainda descoberto o autor da facanha.

Lord Filister, contentissimo, resolveu recudir a saphyra.

— Não o comprehendendo, disse elle. Se Mochotton lhe telegraphou garantindo o que o senhor tinha ali estado é porque um bandido, na realidade emérito, se disarçou em Sherlock Holmes d'uma maneira magistral. Isso para mim não tem importancia. O principal é recuperar a joia. Minha mulher vai ficar radiante.

— Sr. Holmes, disse um creado, está lá fóra um agente que deseja fallar-lhe.

— Era Nelbow que vinha participar-lhe a prisão de Kellyny.

— Com os diabolos pensou Holmes. O disfarce de Harry para nada serviria em tal caso. Mas... talvez no calabouço elle lhe arranque alguma confissão.

E em voz alta, para Nelbow: — Parece-lhe que elle desconfie de quem foi que ordenou a prisão?

— Não, senhor, e eu nada lhe disse a tal respeito.

— Muito bem.

— E, apontado para o seu ajudante disfarçado em mulher:

— Peço-lhe, Nelbow, que metta esta elegante senhora no calabouço onde está Kelly. Diga que é uma ladra que foi surpreendida em flagrante.

— Não vai de novo revistar o quarto de Ellen, sr. Holmes?

— Não. Deixa isso cá por minha conta. Vê lá, Harry, se fascina Kelly a ponto de obteres d'elle uma confissão. Não te esqueças de que o gancho encontrado é de celluloido. Talvez elle possa dizer onde está a cabeça da rapariga; o que fará com que o mysterio se esclareça.

Nelbow saiu, acompanhado de Harry e Joly. No entanto chegava o joalheiro Mochotton, que contou a lord Fillister a visita que recebera de Sherlock Holmes. Quando estava no meio da sua narrativa, entrou o criminalista. O joalheiro, surpreendido, deu um passo á rectaguada.

— Então, perguntou Skerlock Holmes, affirma que fui eu quem lhe fez uma visita?

— Grande Deus! como Mochotton. Vejo agora que o individuo que foi ao meu estabelecimento não era effectivamente o senhor, se bem que tivesse immensas pareanças comigo.

— E' inaudito, exclamou Holmes. Que actor tão habil conseguiu illudir tanta gente? trata-se, sem duvida alguma, do ladrão da saphyra, mas queira mostrar-lhe a...

Mochotton tirou a saphyra do bolso. As mãos tremiam-lhe.

— Não sabia como explicar o que se deu.

Lord Fillister exclamou, com o maior contentamento:

— E' ella, é a Fairy Sphyr! Sr. Mochotton, não ficará sem o seu dinheiro. Quanto deu por ella?

O joalheiro appressou o recibo que o falso Sherlock Holmes lhe passara.

— Mi libras! exclamou lord Fillister. Nada é, comparado com o valor da joia, mas custa-me dispendir tal quantia por causa d'um roubo. Pago porém.

Enquanto passava um cheque, Sherlock Holmes examinava a assignatura do gatinho. Parecia-se pouco com a sua e fôra disfarçada.

Nôes immediatamente certas particularidades, o H e o S não eram de um inglez, mas de um americano, porque as letras d'estes são differentes das dos inglezes.

Deteve-se de subito.

— Onde tinha elle visto um H e um S semelhantes?

Lembrou-se de que nos aposentos de lord Geraldo viu uma carta com letra igual. O joven não estava no castello.

Dirigindo-se aos seus aposentos, o criminalista passou uma busca.

Examinou o conteúdo da secretaria, que estava aberta.

N'uma gaveta encontrou o bilhete que procurava. Esse bilhete era assim concebido:

«Querido amigo

«E' impossivel ir a tua casa, devido aos meus muitos affazeres. Além d'isso não me agrada a presença do celebre Sherlock Holmes em tua casa. Quando tudo passar, irei até ao Club.

«Teu velho amigo

«Verbilt».

Os olhos do criminalista fitaram-se nas letras S H. Eram sem duvida eguaes ás do recibo que pouco antes tivera na mão. De subito bateram á porta e ouviu-se a voz do velho mordomo:

— Lord Geraldo, procura o uma visita.

Sherlock Holmes abriu de mansinho a porta e perguntou:

— Quem é? Silencio, não diga que estou eu aqui. Ninguém deve saber que me encontro n'este quarto. Quem é o visitante?

— Um amigo do club.

— Ah! Conduza-o para aqui e diga-lhe que lord Geraldo deve chegar d'aqui a pouco. Eu vou metter-me no quarto de cama e observarei d'ahi o visitante.

O velho mordomo observou:

— Mas se lord Geraldo sabe, não ficará com certeza contente.

— Para que é que elle o ha de saber? Ande, vá, e faça o que digo. Eu vou occultar-me.

Poucos minutos decorridos, apparecia o visitante acompanhado pelo mordomo, que disse:

— Se o lord não voltar por estes dez minutos, então é porque não vem lá cedo.

— Se é preciso, voltarei, replicou o visitante, que era o lord Verbilt, sentando-se junto do fogão e accendendo um charuto.

Apenas Butler saiu, fechando a porta. Leo levantou-se e dirigiu-se para a secretaria.

Sherlock Holmes, do quarto de cama, por detrás dos vidros da porta, espiava-o. Poucas semelhanças havia n'aquelle rosto, que pudissimo fazer tomal-o por elle. Só o nariz um pouco afilado se parecia com o

seg. Os olhos eram pretos. Devia ser um actor exímio e gatinho muito experiente e audacioso.

Redobrou de attentões ao vê-lo remexer as gavetas da secretaria. Pensou que elle não viera ali unicamente para procurar o que quer que fosse e que não encontrava. Leo apelleou e tirou do bolso uma peqna na pinça propria para fazer saltar as fechaduras. Forçando uma das gavetas da secretaria, tirou d'ella um retrato, que examinou cui-dosamente. O criminalista viu contrahir-se-lhe as feições e ouviu murmurar:

— Fez-lhe presente do seu retrato.

Sherlock Holmes, do seu posto de observação, conseguiu vêr a photographia. Era a de lady Courtington.

— Esta maldita não tem annos admiradores sufficientes, continuava a monologar Leo, esquecido de que estava n'uma casa estranha.

De subito teve um sobresalto. No quarto entrára o velho mordomo, annunciando-lhe que lord Geraldo acabava de telephonar para prevenir de que não vinha a casa.

Leo Verbilt sabia. Sherlock Holmes seguiu-o. Dirigiu-se para Whitechapel. Poucos passos andados, um gaisto dirigiu-se, correndo, a Leo, a quem disse:

— Ha muito que o procuro. Tenho um recado para si.

— O que é?

— Encontrei hoje de manhã Kelly acompanhado por um agente. Chamou-me e recommendou-me que lá o viesse participar...

Junto d'elles passou um individuo, que conseguiu ouvir dizer ao gaisto:

—... e he disse que o fidalgo o engrana.

Leo deu um salto, como se fosse mordido por uma virava. Contrahiram-se-lhe as feições e, agarrando o rapaz por um braço:

— Enganas-te? Que foi que Kelly te disse?

— Cal-te o sobre, hehe hehe! Não voltou a casa. Está naturalmente em casa do filho do duque. Se o quer encontrar, vá lá.

Leo não proferiu uma palavra. O corpo tremia-lhe. Teve de encostar-se a um candeeiro. O rapaz perguntou inquieto:

— Que tem? Quer que chame um medico?

— Cal-te! Não é nada. Tens a certeza de que te não enganara e que esse recado era para mim?

— Ora, disse o gaisto sorrindo, tanto era para o senhor, que Kelly me disse que oresses em procura do fidalgo, a dar-lhe parte. Não pôde, por isso, deixar de ser para si.

— E' verdade, era para mim. Deste bem conta de ti. Saffa-te, que ainda me poderás prestar mais al guns serviços.

Metten a mão no bolso e tirou algumas moedas que deu ao rapaz. Em seguida murmurou:

— Sabes onde moro?

— Sim, senhor, em casa d'um cabelleireiro.

— Bom. Vae-te embora.

O rapaz saltou para um omnibus. Leo afastou-se na direcção opposta. Sherlock Holmes foi-lhe na paragem. Presentia que estava na verduzadora pista. Verbit fez signal a um automovel, entrou e mandou seguir para Richmond, sem desconfiar que o criminalista lhe ia no encalço.

Escondido no meio d'um jardim de coriferas raras, viu-se o castello pertencente ao filho mais velho do duque de Beryville. Rumorejava-se que aquella palacio té a aproveitada de quando em quando pelo seu proprietario, um dos mais ricos e mais distinctos do país.

Verbit mandou parar o automovel a poucos passos do jardim e apou-se. O criminalista notou que elle comprimia no bolso, nervosamente, o que quer que fosse, uma arma evidentemente.

— Supponho que elle vai commetter um crime, pensou o criminalista. Hei de chegar primeiro.

Passou junto de Verbit e d'ahi a alguns passos chegou á porta do jardim. Tocou á campainha. As creadas que appareceram, disse:

— Não abra, porque está lá fora um loque.

Leo Verbit tocou igualmente á campainha d'ahi a momentos. O creado disse:

— Não posso abrir. O lord não está em casa.

— Mas ahí acaba de entrar um sujeito. Abra, se não entrarei á força.

— Faça o que quiser, redarguiu o creado.

E voltando-se para o criminalista:

— Que significa isto? Faça favor de me explicar a razão porque não devo permitir a entrada a este senhor, que não me parece louco.

Sherlock Holmes respondeu em voz baixa:

— Ainda cá está a dama que aqui dormia a noite passada?

— Não sei. Ignoro até se aqui esteve alguma dama. Quem é o senhor?

— Não lhe importe isso. Vá immediatamente dizer a essa senhora que Leo Verbit está á porta, sabe tudo e vem para se vingar.

O creado empallideceu e afastou-se sem proferir palavra. Era já tarde. Lady Courtington sahira poucos momentos antes, abriduo uma porta escusa do jardim e encontrando-se assim na rua.

Verbit estava á espreita. Soou uma detonação seguida d'um grito. Lady Courtington caia banhada em sangue. O criminalista correu para fóra, avistando o scrimeiro que fugia rapidamente. Foi em sua pers-

guião e d'ahi a momentos dois braços nervosos detinham-no na corrente.

—Leo Verbill, está preso!

—Sherlock Holmes! exclamou o criminoso.

Não oppoz resistencia. Captor e preso seguiram para uma carruagem, que por indicação do criminalista, tomou o caminho do castello Filistier.

CAPITULO X

O segredo da chaminé

Ao ouvirem e grido dado por lady Courtington, a creadagem accorreu encontrando a ferida banhada em sangue e desmaiada. Transportaram-na immediatamente para o palacio. D'ahi a pouco voltava a si e podia em voz debili que a levassem para sua casa.

Uma rajariga louca, chorando convulsivamente, redarguiu:

—Como a podemos levar para lá, minha senhora? Se nos perguntarem d'onde vae, o que havemos de responder?

Aos labios de Bella afflorou um sorriso de pungente dor.

—Não importa. Se eu morrer, saberão d'onde ir. Suppém que eu andava em viagem. Depressa, levem-me para minha casa.

Foi-lhe satisficada a vontade. Transportada n'uma maca, d'ali por meia hora estava estendida no seu leito, agonizante. O medico chamado á presenca accozou os hombros. A bala tinha offendido o pulmão. Poucos momentos restavam de vida. O marido não estava em Londres e, por isso, não podia ser prevenido.

Bella apenas pediu para falar a Sherlock Holmes.

—Onde estaria este?

Mettera o preso no aposento do castello Filistier que mandara reservar para si e sahira logo, dirigindo-se para o posto de policia onde estava Kellyny.

Lord Filistier, contentissimo pela acquisição da saphyra, correu á casa de saude onde estava sua esposa, a dar-lhe a grata noticia.

No posto policial descontrolava-se uma scena interessante: Harry Taxon disfarçado em mulher, como dissemos, tinha alcançado permisso de entrar no calabouço onde Kellyny estava. Um agente metterá o ali para que a comedia fosse bem representada. Apenas a porta se fechava sobre elle, Harry desatára a chorar convulsivamente. Conservava o rosto coberto por um véo, lastimando-se:

—Malvados! Quero viver! Não posso aqui estar! Nada fit para ser preso!

Kellyny approximou-se d'ella, perguntando-lhe:

—Que fizeste, pequena? Fala, conta me tudo.

E enlaçou-o nos braços. Harry não se mostrou equivo, antes parcouso socego.

—Que heis de dizer? exclamou elle. Um individuo acompanhou-me a uma loja e, ahi, metter-me não sei o que n'um bolso.

Kellyny sorriu-se e abegou-se ainda mais á supposta rajariga.

—Não chores, pequena! Quem é tão nova e tão bonita como tu não pensa senão no prazer. Quando sahir d'aqui far-te-hei feliz. Conheces-me?

Harry teve um movimento d'olhos gaisto e disse em voz timida:

—Não é o sr. Kellyny?

—Sim, sou, e desde já te affirmo que tenho sido amado por damas muito chitas. Ha certamente rapazes mais bonitos do que eu, bom sei, mas obtengo o que me agrada. Ahi ah! aposto em como não repellirás o meu amor quando recuperares a liberdade!

—Isso nunca se dará! Também tenho admiradores sr. Kellyny, e não supportarei que o meu Affonso se entregue a outras mulheres. Mas senhor, parece-me que está já apaixonado.

Kellyny soltou uma grande gargalhada.

—Não te has de arrepender, murmurou elle. Tenho uma boa maquia que caçoni n'um sitio desconhecido de toda a gente. E não poderei aqui estar muito tempo, pois nada fis.

—Oh! Mas ouvi dizer que o suppõe auctor d'um crime praticado no castello Filistier.

Kellyny teve um momento de sobresalto.

—Abiarado! exclamou elle. E um disparate pensar que eu raptaesse a rajariga que desapareceu. Ella estava ainda viva quando toita a gente a suppunha já morta.

Harry ficou satisfeittissimo ao ouvir o. Curvou-se para elle, segredando:

—Olhe, sr. Kellyny, creio que é homem honrado e que tem coraço. Por isso, tenho pena do senhor.

—Pois não havia de ter, minha querida? Não matei ninguém.

—Então sabe onde se occultou a criada?

—Não, não sei. Na realidade não sei. Vi-a logo depois do roubo. Falou com o senhor ás ordens de quem eu agora andava. Todavia não conheço o seu esconderijo e ainda metos os motivos por que ella se occultou.

—Como se chama aquelle por quem o senhor está a padecer?

—Não te importes com isso, pequena. Com as di-

hos, quem é que está a bater á porta? Já por duas vezes a abriram, para espiarem. Naturalmente tem inveja.

Kellyny tinha razão.

Um agente abria a porta, mas ahiñal metterá n'outra cella um preso que trazia seguro pela gola do casaco. E esse preso assomilhava-se extraordinariamente a Sherlock Holmes. Apparceoz dez minutos antes no posto policial, manifestando o desejo de falar ao preso Kellyny.

—Quem é o senhor? perguntára desabridamente o agente de serviço.

—Pensava que me conheceria, amigo. Chamo-me Sherlock Holmes.

Uma risada de desdem foi a resposta. O agente orouzo os braços e exclamou:

—Ora, essa! Com que então, é Sherlock Holmes meu menino. Já duas vezes se enganaram, tomando-o pelo nosso grande criminalista, mas aqui, na policia, não pegal!

—O senhor está doido! retorquiu o criminalista de mau humor. Deve saber quem eu sou. Aqui tem o meu bilhete de identidade.

—Falso! Tudo falso! redarguiu o agente. Já cá o sabemos. Illudiu o bango, apresentando um cheque falso de lord Filistier, venden depois a saphyra e foi quezar mil libras ao Banco Escocoz, mas d'esta vez, meu espartilhão, vaas parar com os ossos a um calabouço!

—Assim succedeo, pois o verdadeiro Sherlock Holmes foi tomado pelo falso e teve de soffrer as consequências d'esse ajuveco.

Duros uma hora a engano.

Como o criminalista não havia ainda voltado ao castello Filistier, o mordomo Butler dirigiu-se ao posto perguntando por elle.

—O burliço que se queria fazer passar por Sherlock Holmes está aqui, respondeu o agente de serviço em tom altivo. Facilmente se via que era um intrujico.

—O senhor está enganado, exclamou Butler. O burliço está preso no nosso castello. O senhor Holmes leve-se para lá, algemado. E se algum está preso, é o sr. Holmes em pessoa.

O agente empallidoeu. Correu para o calabouço, onde encontrou Sherlock Holmes sentado socegadoamente, vendo decorrer as horas com o maior estorcismo.

—Então já comprehendo o seu erro? disse elle em tom tranquillo. E já sabe que sou eu?

—Desculpe-me, sr. Holmes. Julgava cumprir o

meu dever.

—Sim, tambem o creio. Está desculpado. Qualquer outro podia enganar-se. Deixe sair tambem o

meu ajudante, que está vestido de mulher, no calabouço de Kellyny. Desejo que elle me acompanhe.

—Onde está o sr. Holmes? Procure-o, depressa, que não ha tempo a perder.

Acabava lady Courtington de profirir estas palavras quando o criminalista assomava á porta do aposento.

—Desejava fallar-me, minha senhora? disse elle, curvando-se sobre a ferida,

—Nos labios de Bella passou um sorriso singular.

—Vou morrer, sr. Holmes, mas antes quero fazer-lhe uma confissão!

—Por que motivo a mim, minha senhora? Não era a seu esposo...

—Oh, não me entende... Não se trata d'uma confissão d'essas. Não me conhece. Não sou como outras mulheres. Ha annos que sou apenas uma criminosa.

Sherlock Holmes curvou-se ainda mais sobre ella, tendo no rosto uma expressio estupefacta, apesar de não ser a primeira vez que se na sua longa carreira lhe succedea o encontrar se em semelhante caso.

—Que deseja revelar-me? perguntou elle em tom animador.

Bella olhou para elle com expressio de reconhecimento.

—O senhor tem visto muito e sabe muito! suspirou ella. Deve ter ouvido dizer que eu era muito coquette. Era mal, por amor do dinheiro, mas por uma inclinação perversa. Roubei, enganei e menti, porque com isso sentia prazer. Era criminosa por natureza. Não precisava de mentoz; era eu, ao contrario, que encaminhava os outros.

—Mas, lady Courtington, esse homem, esse Leo Verbill...

—E' tambem um bandido, interrompeu Bella. Feriu-me de morte... o patife tinha diuimes! Não era a primeira vez que eu o enganava. De-jeava fugir comigo para o estrangeiro, mas, se assim tivesse acontecido, em breve o teria abandonado. Não succedeu, porém, isso, pelo gozar á vontade do dinheiro...

—Talvez não, porque o prendi, retorquiu o criminalista.

Os grandes olhos de Bella fitaram-se em Sherlock Holmes.

—Ahi! Então, está perdido! Não tenho pena d'elle, morreu o castigo. E ali está quem roubou a saphyra.

—Sim, já sei. Vendou-a o lord Filistier residuário. Como conseguiu elle imitar-me?

—Exerceu em tempo a p'ofissão de actor e como tinha algumas semelhanças consigo era-lhe facil de

compenhar o seu papel. Foi elle tambem quem ajudou a reubar o centro de moza...

— Ah! A senhora era sua complice?

— Sim, era. Voltei á sala, onde tinha de entembo aberto a janella. Em baixo, no parque, estava Leo. Todos julgavam que elle andava em viagem, mas havia muito que estava em Londres. Tinha varias moradas.

— E foi a senhora quem vendeu o centro de moza? — Sim. Devia ser levado por mim, para fazer rechar as suspietas sobre a creada.

— E Ellen onde está? perguntou o criminalista. Devo saber onde ella pára.

— Interroge Leo, que o sabe. Foi elle quem dirigiu tudo... o cadaver ensanguentado... é um demónio...
A voz da moribunda extinguiu-se gradualmente.

— Sim, a senhora sabia tudo! exclamou Sherlock Holmes. E' singular que sacrificasse uma vida para desviar de si as suspietas, quando isso não era necessario. Ninguém desconfiava de si

— Foi Leo, disse ella n'um suspiro, arroxando-se-lhe os labios. Paguei a... Kelly... ah!... soffro muito... socorro... socorro... que é isto? Queiro viver... um minuto... apenas... ah!

Um grito afflicto, o corpo retezado, depois ficou immovel.

Tudo findára. Sherlock Holmes apurou-se, correu piedosamente os olhos de Bella Courtington, chamou a creada e saiu.

Ao chegar ao castello Fillater, nada se ouvia no aposento onde tinha fechado Leo Verblit. Abria a porta e encontrou no aposento devoluto. Soltou uma blasphemia. O preso tinha conseguido libertar-se das algemas, que estavam caidas no chão e tinha desaparecido.

Por onde? — A chaminé possui o criminalista. Só ahí pôde estar.

Dirigiu-se para ahí e olhou para dentro, introduzindo se n'ella o mais que podia. Nada viu. N'esse momento souo um grito terrivel.

Sherlock Holmes saiu do aposento, correu pelo

corredor e subiu ás aguas furtadas. Deu um pontapé furioso na porta da alouva onde dias antes fôra encontrado o cadaver mutilado, fazendo-a abrir de par em par. Dirigiu-se para a chaminé que n'esse aposento havia e introduziu se n'ella. Mas, em vez de subir, desceu uma degraus que encontrou.

Uma vigia que estava em baixo conduzia a outra chaminé. Sherlock Holmes seguiu por ella, accorrendo. De subito, recouo attento.

Em baixo, suspenso d'um fio de arame, via se o corpo d'uma mulher. Era o de Ellen. Leo Verblit apoiava-se aos degraus de ferro, junto da parede. Tentava fugir.

No momento em que se viu descoberto, precipitou-se para o seu perseguidor, dando gritos horriveis. Mas perdendo o equilibrio, caiu. Sherlock Holmes subiu, tomando o caminho que antes seguira, e foi encontrar Leo desmaiado em baixo, na larga chaminé por onde tentava evadir se.

Sherlock Holmes pode então ter a expliçao dos acontecimentos que tanto o haviam intrigado.

Kelny, apertado com interrogatorios, fez confissão plena. A Verblit não houve meio de arrancar palavra.

A creada fôra victima de bandido, com quem mantinha relações amorosas e que a assassinara, igando a com auxilio do seu complice para a chaminé, a fim de que o cadaver não fosse encontrado.

O tronco que primeiro havia sido descoberto, rapto por Kelly do laboratorio d'um medico e para ser trazido, a fim de difficultar e desorientar as investigações policiaes.

Os dois cumplices foram enforcados. O cachimbo achado no caso tinha sido offerecido por lord Geraldo ao seu amigo Leo.

Sherlock Holmes guardou-o no seu muzeo criminal. Anos depois, quando olhava para elle, dizia, pensativo,

— E' o mais bonito cachimbo que tenho visto. Pena é que não possa servir para fumar. Mas, se lembrar-me do seu antigo possuidor, nem uma fumaca poderia fôr.

FIM

Ler no proximo numero:

Quinze dias de vida

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

Aventuras LORD JACKSON

Genial e audacioso policia amador

Unco rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O caso d'uma perna | 19 Ressurreicção de Jackson |
| 3 Cravo d'um malvado | 20 Sapatos de delincto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policia |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um milhao de francos |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankee |
| 8 Resgate sangrento | 25 Corcovo torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um d'ama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo da conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Traçado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esquecito vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O substituto das cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas fuzilhas mortaes | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume Serie completa, 2.000 rs.

LIURO DE LEITURA JIU-JITSU

1 vol. estylo de lizo com 19 bellas
L para a 4.ª classe dos Lyceus C + photogravuras de pagis + 3
112 rs. 600 reis

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições liguostissimas

com bellas e numerosas gravuras intercaladas

no texto

A Modern-Bibliotheca é constituida por edicoes luxuosas e artisticas e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados at

- I - Dittoso lar, por Marcel Prévert
- II - Aphrodite, por Pierre Louys
- III - Prima Laura, por Marcel Prévert

500 Rs. Preço de cada volume 500 Rs. brochado

TRATADO PRATICO DE GYMNASTICA SUECA

por L. C. Kamlien.

Edicão de lizo, profremente illustrada, formando tres elegante vol. in 8.º gr.

300 rs.

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profremente il., illustrado, impresso em magnifico papel

O REI DOS MARES

AVENTURAS DO CAPITÃO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos

Publicada quinzenal in 8.º grande com capa artistica a 3 cires

Não se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu e perdurou na tradiçao como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O Sr. Franca, redacção de todos os encantos que lhe «o proprios lançou mão do aventureiro e da época em que se tornaram terríveis com as suas façanhas». Morgan foi verdadeiramente o chefe d'essa raça de heroes indomados, que se tornaram terríveis com os nomes successivos de Bencaneros e Filibusteros.

O auctor da obra, que vamos dar a publico, compozio todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e as terriveis proçaves de que saiu victorioso. A vida de oceano, em todos os seus perigos e seducções mysteriosas, passa pelos olhos do leitor, mostrando-lhe a attenção sempre á aperta pela variedade e pelo imprevisto das peripecias.

Volumes publicados

- | | |
|--------------------------------|----------------------------|
| 1 O thesouro da ilha | 10 A cidadella dos piratas |
| 2 O segredo do pirata | 11 O primeiro encontro |
| 3 O marinheiro mysterioso | 12 O naufragio de Morgan |
| 4 O enigma da ilha de Coral, | 13 Atacado de piratas |
| 5 O navio negro | 14 O terror dos mares |
| 6 Os dois capitanes de piratas | 15 O thesouro fluctuante |
| 7 Immigos ligandicos | 16 A heresia de Penn |
| 8 Expedicão para a morte | 17 O caçador de escravos |
| 9 A nau do diabo | |

As novidades em que relatamos as aventuras do CAPITÃO MORGAN serão publicadas em numero quinzenal

Cada numero contendo uma 50.ª publicação mais Letrada
C C C C obra completa de Portugal 3 3 3 3
RÉIS

LEIAM TODOS

O conquistador de criadas
Bilhete razas e cartas globais
Um grupo volume com suas
artisticas e expostas gravas 300

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

6 Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romanos tres tempos billos

I A Paschoa de Formosauro

II Chammas de voluptuosidade

III Souz, terra da luxuria

IV Pela senda do amor

V Beijo supremo

VI g. vol. em 8.º com artistica capa

7 800 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA 100 rs.

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo. O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector **Mc Clusk**, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais increditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se *sem que ninguém o reconheça* aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobres orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embriagadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatinho de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

O rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhoes. 0. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatinhos. 11. O rapto da duquesa 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de betotas. 14. O homem da mão de ebano. 15. As joias de mr. Hackett. 16. Um electrico perigoso. 17. No Casno de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassino de Fall River. 20. Aventura d'um policia no Far-West. 21. Os pocos de petroleo. 22. O Olho do Diabo. 23. O mysterio chinês. 24. A casa dos sete demônios. 25. A rainha dos sete. 26. O signal de morte. 27. Os demônios do Oriente. 28. Descida de Dazaar aos infernos. 29. O ultimo dos sete. 30. O Resuscitado. 31. Um pacto com Dazaar. 32. A morte de Dazaar. 33. O club dos treze. 34. Os roubadores de crianças.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

100 maneiras de nos defendermos na rua sem armas.

100 maneiras de nos defendermos na rua com armas.

100 experiencias recreativas e curiosas.

100 experiencias mathematicas.

100 experiencias chemicas.

Cada volume brochado e illustrado 200 reis

CAROLUS DIDIER

ROBIA BIBLICA

Romance passional, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo, magnificas gravuras e capa artistica 700 rs.

A VIDA D'AVENTURAS

60 rs. CADA OBRA 60 rs.

Texas Jack

♦ ♦ O Terror dos Indios ♦ ♦

A vida do celebre aventureiro americano, cujo nome corre do norte a sul no mundo *yankee*, como o d'esses heroes lendarios de antigas eras, é narrada nas empolcantes novelas que constituem a primeira serie da *Vida d'Aventuras* com todo o colorido a que se presta a flôr do incomparavel *gaucho* e a selvatica região onde decorrem os episodios.

Os titulos das obras já publicadas são os seguintes:

1. Um Heros de dezesseis annos. 2. Os corvos da California. 3. Mulher demônio. 4. Massacre de Camp-Lenoaster. 5. O ultimo rei dos Comanches. 6. Os assassinos d'ouro do Arizona. 7. Texas-Jack, policia. 8. O Castello Mysterioso. 9. O segredo do caçador. 1. Desforra-negrita. 11. O martyrio da virgem loira. 12. Vi' canção d' amor. 13. Corrida para a morte. 14. A rainha dos banditos. 15. Como Texas-Jack encontrou seu paes. 16. A mala posta de Farmington. 17. O ladrão de milhoes. 18. As nupcias de Buena-Vista. 19. A destruição de Troya. 20. Barnum e Texas 21. Cartis, o Salvador. 22. O bando negro de Texas. 23. O feitiçoeiro de Prescott-Park. 24. Por aras e ventos. 25. Uma Estalpa uberterranea. 26. O casamento de Texas-Jack. 7. A revolta dos negros mexicanos. 8. O marceador do fôras 29. A fonte da Morte. 30. Aventuras de 8 garçons no Far-West. 31. Um crime no deserto. 32. A ultima rainha dos Utah. 33. Bob, o Taolturno. 34. Um ataque ao comboio do Pacifico. 35. O Buñalo infernal. 36. A captura dos 13000. 37. O desaparecimento do Lago dos Ursoz. 38. Morte de Jumper. 39. A noite sangrenta de S. Francisco. 4. O assalto ao Forte Mac-Rue. 41. O testamento do ermita. 42. Dente por dente. 43. O rei dos luctadores. 44. O laço dos coodilhões. 45. * Rosa do Texas 46. Um drama 'num tunnel. 47. O falso explorador. 48. A batalha do Montedoz Espiritos. 49. Aventuras d'um noivo 50. O milagre do sr. Pacanhan d'um lord 52. A bandeira do ressurto. 53. O martyrio d'um missionario 54. A cavalgada do rei da campina 55. O mysterio da floresta virgem 56. A quadilha do deserto 57. Wabita, a flor da campina 58. O destiladeteo do diabo 59. O reindeiro do Monte Rosa 60. Nas garras do sierre 61. O mysterio do Castello dos Rochedoz 62. O rebelde vermelho 63. A taberna do Valle do Diabo 64. Osceado das balas de prata 65. Os moedolros falsos de Red Hillz 66. Cabeça a preço 67. Os rochedoz de prata 68. O barco infernal 69. Os companheiros da serpente 70. En lucta com os Yellow. 71. O rapto de Maidenhood. 72. Vingança de Ho. 73. O laço dos ursoz. 74. N'pista dos banditos. 75. A fome no Far-West. 76. Os salteadores da floresta. 77. A ultima victima do Grande Astro. 78. O falso Texas Jack. 79. Drama de amor. 80. Destiladeteo de Gila. 81. A vingança do engenheiro. 82. Estranguladores vermelhos. 83. A feitiçeira de Middletown. 84. Bombo da bandeira. 85. Diabo da campina. 86. Monshiners. 87. Caçador de escalas. 88. Eneçto da campina. 89. Bandido vermelho. 90. A vingança dos Seminoles. 91. Contratrabandistas d'opio. 92. A rainha dos renegados. 93. O feitiçoeiro de Quipsa-Tani. 94. Aventuras de estudantes. 95. Tribuna secreta. 96. Ladroes de cambios. 97. Vingança frustrada. 98. Solitarios da floresta. 99. Estalagem de Paz 100. O filho perdido.

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitços, diabruras, maleficios e sortilegios OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ

600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600